

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LILIAN ZARANTONELLI SIMÕES

BELEZA E DEFICIÊNCIA VISUAL

Campinas
2008



1290003948

TCC/UNICAMP
Si51b
1290003948/FEF

LILIAN ZARANTONELLI SIMÕES

BELEZA E DEFICIÊNCIA VISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à
Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do
título de Licenciado em
Educação Física.

Orientador: Márcio Pereira Morato

Campinas
2008

UNIDADE	FEF/1326
N.º CHAMADA:	FCC/UNICAMP
	Si51b
V.	Ex.
TOMBO BC/	3948
PROC	
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 4,00
DATA	06/04/2009
N.º GRD	437239

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

Si51b Simões, Lillian Zarantonelli.
Beleza e deficiência visual / Lillian Zarantonelli Simões. – Campinas,
SP: [s.n.], 2008.

Orientador: Marcio Pereira Morato.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Deficientes visuais. 2. Cegos. 3. Beleza física. 4. Mídia. 5. Imagem
corporal. 6. Sociedade. I. Morato, Marcio Pereira. II. Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

LILIAN ZARANTONELLI SIMÕES

BELEZA E DEFICIÊNCIA VISUAL

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Lilian Zarantonelli Simões e aprovado pela Comissão julgadora em: 02/12/2008.

Márcio Pereira Morato

Orientador

Mariana Simões Pimentel Gomes

Membro Examinador

Campinas
2008

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos os que se dedicam
ao desenvolvimento e melhoria da
qualidade de vida dos cegos...

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao meu orientador, Márcio Morato mais conhecido como Vêi. Obrigada pelas reuniões e conselhos.

À banca, Mariana Gomes, por ter aceitado fazer parte da banca e dedicar seu tempo tanto para a leitura do texto como para assistir à apresentação.

Agradeço também aos meus pais, os responsáveis por eu estar nessa Universidade, se não fosse por eles não teria essa oportunidade.

Aos meus companheiros de república TNT por participarem da minha vida em todos os momentos de crises e felicidades.

Meus amigos, pessoas que se tornaram importantíssimas. Que me acolheram quando eu entrei na UNICAMP e estava “perdida” nessa nova cidade. Agradeço os conselhos e as brigas que se fizeram necessárias. Por terem feito parte dessa fase maravilhosa da vida que é estar na Faculdade.

Não posso deixar de agradecer ao meu namorado por me agüentar falando desse trabalho o tempo todo, do meu mau humor quando algo dava errado. Teria sido mais difícil sem alguém me apoiando.

E a todas as pessoas que passaram pela minha vida e de alguma forma a mudou.

Por fim, agradeço a todos que estiveram de alguma maneira nessa trajetória comigo. Muito Obrigada!!!

Simões, Lillian Zarantonelli. **BELEZA E DEFICIÊNCIA VISUAL**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

Este trabalho questiona a importância da beleza física na sociedade. Essa beleza padronizada pela mídia cria um modelo de corpo ideal, cada vez mais influente na vida e no comportamento das pessoas. Sendo a visão uma fonte de informação importante, questionamos se os cegos também são influenciados e apresentam os mesmos padrões de beleza que os videntes. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo compreender o significado do termo beleza para as pessoas cegas. O primeiro momento desse trabalho descreve o desenvolvimento da personalidade, autonomia e auto-estima dos cegos. Em seguida a definição de beleza, os padrões estabelecidos pela sociedade e sua influência na formação da imagem corporal. A finalização se faz ao relacionar as duas primeiras partes e acrescentando um estudo de caso feito com cegos congênitos, onde estes descrevem o que é beleza e se esta tem influência em seus comportamentos. Dessa forma, este trabalho refletiu a importância dos pais, educadores e pesquisadores no desenvolvimento social e cognitivo dos cegos.

Palavras-Chaves: deficientes visuais, cegos, beleza e imagem corporal.

Simões, Lilian Zarantonelli. **BEAUTY AND VISUAL DISABILITY**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

This work questions the importance of the physical beauty on society. This media standardized beauty shapes the model of an ideal body, and this ideal has more influence each day on the life and behavior of people. The sight is an important information source, so I wondered if the blind people also are influenced and presents the same beauty standards as the called sighted. Thus, this study aims to understand the meaning of the term beauty for the blind. At first, this work has as purpose to study the development of the personality, autonomy, and self-esteem of the blind. Then, the definition of beauty, the standards established by the society and their influence on the corporal image shaping. In the final chapter, the two previous chapters are associated and a study of case with congenital blind is added, where they describe what is beauty and if it has some influence in their behaviors. This way, thinking on how the sighted can influence on the general development of blind are very important on the familiar, professional and educational environments.

Keywords: visual disability, blind, beauty and body image.

Lista de Figuras

Figura 1- A simetria já calculada pelo computador.....	36
Figura 2- A simetria do ator Tom Cruise.....	36
Figura 3- Máscara utilizada pelo Dr. Marquardt.....	37
Figura 4- Máscara com as linhas mais visíveis.....	37
Figura 5- O rosto simétrico do Tom Cruise encaixa na máscara.....	37
Figura 6- Rosto da mulher encaixando perfeitamente na máscara.....	37
Figura 7- Rosto menos simétrico.....	38
Figura 8- Rosto assimétrico.....	38
Figura 9- O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci.....	39
Figura 10- A razão de 1:1618 entre a falange proximal e a falange medial.....	40

Sumário

MEMORIAL	09
INTRODUÇÃO	15
METODOLOGIA	16
Sujeitos	16
Coleta e Análise dos Dados	17
1.OS SENTIDOS E DEFICIÊNCIA VISUAL	18
1.1 A VISÃO.....	18
1.2 A DEFICIÊNCIA VISUAL.....	20
1.3 A AUDIÇÃO.....	21
1.4 O TATO.....	23
2. O DESENVOLVIMENTO DOS DEFICIENTES VISUAIS	25
2.1 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	26
2.2 DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO.....	29
2.3 DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE.....	31
2.4 DESENVOLVIMENTO DA AUTO-IMAGEM E AUTO-ESTIMA.....	32
3. BELEZA	34
3.1 IMAGEM CORPORAL.....	43
3.2 IMAGEM CORPORAL E DEFICIÊNCIA VISUAL.....	45
4. REFLEXÕES E DISCUSSÕES	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	56
ANEXO A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	57
ANEXO B. ENTREVISTAS	58

MEMORIAL

A curiosidade faz parte da essência do ser humano. Desvendar o desconhecido é empolgante e motivador. As perguntas que vão se formando quando um novo mundo nos é apresentado fazem com que a gente pense, reflita e pesquise a respeito do assunto.

Devido às perguntas que desenvolvi ao longo do primeiro semestre de 2008 e à curiosidade em descobrir as respostas, cheguei ao tema desse trabalho.

Mas antes de chegar ao segundo semestre de 2008 muitos acontecimentos foram importantíssimos para a minha trajetória.

Meus pais sempre acharam importante a realização de atividades físicas e assim que eu nasci viramos sócios de um grande clube paulista, o São Paulo Futebol Clube. Num primeiro momento meus pais me matricularam no COD (Centro de Orientação Desportiva) onde podiam participar crianças com a idade mínima de quatro anos. Os encontros aconteciam duas vezes na semana e nós praticávamos todos os tipos de atividades físicas, dos esportes coletivos e individuais às brincadeiras lúdicas.

No mesmo período, minha mãe me matriculou no Ballet (a idéia da menina feminina e delicada) e meu pai me matriculou no Judô. Pratiquei Ballet até os doze anos de idade, mas devido à minha dificuldade em ter flexibilidade não apresentava o rendimento exigido pela professora e assim que pude abandonei essa prática.

Ao contrário do Ballet eu adorava treinar judô, me dedicava ao máximo e em pouco tempo participei de um campeonato para mudança de faixa. Fui a única menina do meu horário de treino que ganhou a luta, assim, mudei de faixa (categoria) e conseqüentemente meu horário de treino também mudou.

Nesse horário novo de treino, era a única menina e todos os meninos que treinavam comigo eram maiores e mais fortes, portanto não conseguia aplicar mais nenhum golpe e perdia todas as lutas do treino. Fiquei desmotivada e assim, também larguei o judô.

Como éramos sócios deveria usufruir do clube de alguma maneira, meus pais me apresentaram várias opções das quais deveria escolher um esporte coletivo, o individual já fora escolhido por minha mãe, a natação que segundo ela

melhoria minhas crises de bronquite, o que de fato aconteceu. Escolhi o vôlei.

Em 1998 entrei para a equipe de iniciação em natação e para a equipe de vôlei dos associados, os dois treinos ocorriam nos mesmos dias, todas as terças e quintas feira.

Em dias de treino minha mãe me buscava na escola ao meio dia e meia (após o encerramento das aulas) porque a uma da tarde em ponto começava meu treino de natação. Saia da piscina correndo pois no mesmo horário que acabava o treino de natação começava o treino de vôlei.

Nas primeiras semanas não estava gostando muito dos treinos de vôlei devido à implicância da treinadora (não sei ao certo se era implicância mais era assim que me sentia), mas em pouco tempo o clube trocou de técnico e a partir desse momento minha visão sobre os treinos mudou.

Minha dedicação era máxima, nunca faltava aos treinos o que em pouco tempo me colocou no grupo das titulares. Nosso primeiro jogo foi um amistoso contra o time das federadas. Apesar de saber tudo o que deveria fazer em quadra meu corpo não me obedecia, um nervosismo tomou conta de mim e foi assim que descobri minha insegurança durante os jogos, como disse meu treinador “eu parecia uma vara verde em quadra”.

Juntando essa insegurança com o fato de não haver muitos jogos (o clube inscrevia sempre o time das federadas nos campeonatos) resolvi que entraria para o time da escola.

No início de 1999 entrei para o time da escola¹. Os treinos eram realizados à noite, com todos os alunos dos dois períodos que queriam treinar. Em uma semana de treino, comecei a treinar com a equipe titular pré-juvenil. Um mês depois, a professora me chamou para jogar no time das mais velhas, a equipe juvenil onde comecei sendo reserva mais em pouco tempo também me tornei titular.

Realizava então, seis treinos de vôlei por semana, de segunda a quinta feira a noite na escola e terça e quinta a tarde no clube. Fora os dois treinos de natação também de terça e quinta, realizados no clube.

No final desse ano e o ano seguinte inteiro participei de inúmeros campeonatos defendendo a camisa da minha escola. A maioria deles nós nem fomos para as finais mas o fato de competir, conhecer outros colégios, outras pessoas era o que

¹ Colégio Rio Branco, Fundação do Rotary Internacional, Unidade II, Granja Vianna, Cotia, SP.

mais me motivava.

A professora da escola passava muitos valores, o respeito não só pelas adversárias, mas pelas próprias colegas do time. Durante os jogos todas as atletas participavam dos jogos, as titulares e as reservas.

Lembro-me de um campeonato em que fui tirada da quadra para que uma reserva entrasse e a professora me disse que eu não voltaria para o jogo, pois o mesmo já estava quase acabando. Nesse momento disse para ela que não assistiria ao jogo que iria “dar uma volta”, pois já que não ia mais jogar não tinha o porquê estar lá. Após escutar essas palavras, a professora me disse que eu deveria estar do lado do time independente se estava dentro ou fora, que deveria respeitar as minhas colegas em quadra e que o que eu disse era uma falta de respeito e consideração com as minhas amigas, além do egoísmo por estar acostumada a ficar sempre dentro de quadra tendo o apoio de todas. Nos próximos dois jogos fiquei o tempo todo no banco.

Essa atitude da professora me mostrou que nós éramos uma equipe, que uma deve apoiar a outra e não uma contra a outra.

Após participar dos muitos campeonatos oferecidos pela escola, minha confiança em quadra melhorou e com isso reconquistei a confiança do meu treinador do São Paulo que me deixou em quadra o tempo todo no campeonato que participamos.

Além da confiança em quadra, meu lado social também melhorou, o meu círculo de amizades aumentou. Nessa época eu não conhecia apenas as pessoas da minha sala, conhecia outras meninas, também o que me fez perder muito da minha timidez.

Em 2001 passei do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e de acordo com as regras do meu colégio o laboratório era obrigatório. Os horários eram definidos pela coordenação e eram realizados no período da tarde². Uma coincidência infeliz fez com que meu horário fosse aos mesmos dias dos treinos do clube às terças e quintas-feiras. Tive que parar de treinar vôlei no clube, a natação eu consegui mudar o dia do treino.

Apesar de conseguir mudar os dias dos treinos de natação também parei com essa prática, não por vontade minha mais por uma imposição do clube. Segundo a diretoria do São Paulo eu não fazia mais parte da equipe de iniciação, deveria

² Os laboratórios aconteciam nos períodos opostos aos das aulas, quem estudava no período matutino fazia os laboratórios no período vespertino e vice-versa.

ir para a equipe de competição. Eu não queria competir natação, gostava de nadar mas não para competir. Não teve conversa, ou era a equipe de competição ou não poderia mais treinar natação. Larguei os treinos.

Além do time do clube tive que largar a equipe pré-mirim da escola pois pela minha idade não poderia mais participar dos campeonatos.

Meu abandono foi apenas como atleta pois a professora me chamou para ajudá-la nos treinos, na maioria das vezes era eu quem dava treino para a equipe pré-mirim masculina do colégio. Além de apitar alguns amistosos realizados no colégio.

No final de 2001 o diretor geral do Rotary faleceu e com isso todos os coordenadores das duas unidades foram trocados conseqüentemente, os coordenadores trocaram todo o quadro de professores de Educação Física.

Os treinos mudaram de horário, os alunos do período da manhã treinavam à tarde e os que estudavam no período da tarde treinavam de manhã. Os professores divergiam entre si sobre qual equipe inscrever no campeonato, a disputa agora, era dentro da própria escola, os times que antes jogavam junto agora disputavam a mesma vaga nos campeonatos e conseqüentemente os campeonatos praticamente não existiam mais.

Tentamos conversar com o professor-coordenador mas não obtivemos resultado e aos poucos todas as atletas que treinavam junto comigo abandonaram os treinos.

Em 2003 cursava o terceiro ano do Ensino Médio e tive poucas participações nos treinos e campeonatos. Nesse mesmo ano disse aos meus pais que não prestaria vestibular pois ainda não tinha certeza de que curso queria.

No ano seguinte me matriculei no cursinho, estudava todos os dias inclusive nos fins de semana. Meu objetivo era passar em alguma faculdade fora da cidade de São Paulo, queria sair de casa. Não por não gostar de morar com os meus pais, mas por sempre ter desejado estudar fora, sempre achei essa experiência importante na vida de uma pessoa.

Ao decidir que prestaria educação física informei aos meus pais, que num primeiro momento não aprovaram a minha decisão. Aos poucos perceberam que era o que eu realmente desejava e a partir daí me apoiaram em todos os aspectos.

O cursinho é um método de ensino que nos obriga a ter responsabilidade (nos mostra se somos ou não maduros) não há cobrança dos

professores, não há provas ao longo do ano e não há diretoria. De uma hora para a outra estava por “conta própria”, eu era a única pessoa que me cobraria.

Em alguns momentos poderia ter me dedicado mais, às vezes me sentia culpada por não estar estudando o suficiente, mas o que seria o suficiente pois afinal, em 2005 estava me matriculando numa das melhores Universidades Estaduais do país.

Em março me mudei para Campinas, saí de casa, realizei o meu sonho. Como não conhecia ninguém minha mãe fez contrato em um pensionato, lugar em que morei o ano inteiro.

No início a adaptação foi difícil, estava em uma cidade estranha e não conhecia ninguém. Mas em pouco tempo fiz amizades que guardo e tenho até hoje, pessoas que me apoiaram e me apóiam quando preciso.

Meus pais também tiveram participação fundamental, me apoiando e incentivando a continuar.

Reavaliei meus conceitos. Alguns que antes achava que nunca mudariam, mudaram. Morar fora de casa me fez amadurecer e perceber detalhes que antes nem passavam na minha cabeça. Cozinhar todos os dias, lavar roupa, programar as compras do mercado eram atividades que minha mãe realizava e, agora estavam por minha conta.

Em 2006 mudei para a república TNT, onde moro até hoje.

As aulas práticas me agradavam mais que as teóricas, mas as disciplinas que estudam o funcionamento do corpo sempre me chamaram a atenção. O corpo a meu ver, é a máquina mais perfeita e intrigante que existe.

Em 2006 entrei para Associação Atlética Acadêmica Asdrubal Ferreira Batista (AAAABF). Em 2007 fiz parte do Centro Acadêmico (CAEF).

Mas o inevitável aconteceu, em 2007 entrei em crise quanto a minha escolha profissional, será que estou onde realmente deveria estar?

Comecei o ano de 2008 determinada a me formar e prestar outro vestibular. Mas dois fatos comprovaram que eu estava no lugar certo.

O estágio que realizei na Escola Estadual Regina Coutinho Nogueira durante o primeiro semestre, fez com que eu visse que eu quero sim, fazer a diferença, quero realmente mudar o que está sendo feito com freqüência nas escolas: o famoso “rola-bola”. Professores que estão desmotivados não dão aulas, apenas vão cumprir um cargo.

Não só desejo repassar valores que me foram dados como também passar outros. Quero que todas as crianças e adolescentes tenham aulas bem estruturadas e planejadas.

Nesse mesmo período estava matriculada na disciplina EF 631 Esporte Adaptado. Essa disciplina para o meu currículo é uma matéria eletiva³, no currículo atual é obrigatória.

Durante o semestre aprendemos como ensinar, praticar e entender as regras dos esportes adaptados. Essa disciplina me mostrou como esse conhecimento é importante, nessa fase de inclusão social todos os profissionais da educação (não apenas os professores de educação física) devem saber como é o desenvolvimento físico, motor e social das pessoas com deficiência.

Ao longo do semestre tivemos contato com os deficientes visuais que fazem parte da equipe de goalball⁴ e uma palestra dada pelo Benedito Franco Leal Filho (cego adquirido aos sete anos de idade). Mais conhecido como Neno que escreveu um livro⁵ no qual conta como foi sua adaptação.

Como de costume, fui jantar com os meus pais (sempre quando volto para casa nós três⁶ vamos jantar fora) e conversamos sobre a cegueira e todas as transformações que deve acontecer ao adquiri-la. Durante a conversa uma dúvida tomou conta de meus pensamentos: como alguém que nunca enxergou julga se uma pessoa é bonita ou feia?

Foi durante uma conversa em família que cheguei ao tema de minha monografia, desde esse momento dediquei minhas pesquisas aos desenvolvimentos dos cegos e sobre o que é beleza e como esta interfere no comportamento dos indivíduos.

³ Disciplina não obrigatória, fora da grade.

⁴ Esporte Paraolímpico criado para a prática exclusiva dos deficientes visuais.

⁵ Filho, Benedito Leal. Tempo do Ver e do Não Ver. Campinas: editora Komedi, 2006.

⁶ Meu pai, minha mãe e eu (sou filha única).

INTRODUÇÃO

O que é beleza?

Essa pergunta já foi tema de diversas pesquisas, estas estudaram sua importância e influência na vida das pessoas.

Toda sociedade apresenta um padrão (tanto estético como, comportamental). Esse padrão é visto como uma regra a ser seguida, as pessoas mudam suas rotinas, seus costumes para se adaptarem a essas normas.

Esse padrão social muda de acordo com as transformações da sociedade. Antigamente, a burguesia buscava uma pele pálida e um excesso de peso. Essas características demonstravam status. Hoje em dia, os indivíduos buscam a pele bronzeada e um corpo com as curvas bem definidas e baixo índice de gordura corporal (SIQUEIRA, 2006).

Esse corpo “perfeito” que as pessoas buscam, é moldado pela mídia (internet, televisão, revistas), que além de definir o corpo ideal, defende a idéia que alcançar esse “molde de corpo” significa obter tanto o sucesso profissional quanto o social (GOLDENBERG, 2002).

As pessoas que almejam esse tipo de corpo se tornaram escravas da beleza, freqüentam assiduamente academias de ginásticas, fazem dietas sem acompanhamento médico, buscam com mais freqüências as clínicas de estéticas e cirurgias plásticas. Dando origem a um movimento chamado corpolatria (CODO; SENNE, 1985).

Os meios de comunicação além de moldar os padrões estéticos moldam os comportamentais, descrevendo como cada pessoa deve se portar em determinados ambientes para causar uma “boa impressão” (DANIELS, 1999).

Sendo a visão o mecanismo de recepção dessas imagens dos corpos julgados como perfeitos pela mídia e o termo beleza uma palavra abstrata, o objetivo desse trabalho é compreender como os deficientes visuais, mais especificamente, os cegos congênitos⁷ classificam ou entendem o que é beleza.

Os cegos congênitos foram escolhidos por não terem memória visual.

⁷ Essa classificação estará mais detalhada no Cap.1.2.

São os nascidos cegos ou indivíduos que ficaram cegos até os cinco anos de idade (ALVES et al., 2007).

Essas pessoas apresentam uma percepção diferente da realidade, utilizando os outros sentidos para o reconhecimento do mundo em que estão inseridos. Os sentidos mais explorados são o tato e a audição (COBO et al., 2003).

METODOLOGIA

Ao definir o problema e o objetivo desse trabalho, ficou mais claro qual seria a metodologia mais adequada para atingir as metas estabelecidas.

Para a realização da primeira parte desse trabalho, a revisão bibliográfica é o método mais adequado. No segundo momento o estudo de caso interpretativo busca a compreensão do termo beleza na vida dos cegos.

Thomas e Nelson (2002) definem o estudo de caso como uma forma de pesquisa descritiva. Obtém uma grande quantidade de informação sobre poucos sujeitos. Não é permitido traçar uma interferência na população nem generalizações. O estudo de caso interpretativo tem como finalidade interpretar os dados.

Sujeitos

Em um estudo de caso a escolha dos sujeitos não pode ser feita de forma aleatória, o necessário é encontrar sujeitos que acrescentem o máximo de informação, dentro dos objetivos do trabalho. (THOMAS & NELSON, 2002).

Dentro das necessidades dessa pesquisa, os sujeitos escolhidos para o estudo de caso foram dois cegos congênitos uma mulher e um homem. Ambos tinham a idade entre vinte e trinta anos.

A mulher foi a primeira entrevistada. Ela ajuda a adaptação dos indivíduos à cegueira (pessoas que adquiriram a cegueira), ajudando no ensino da

leitura Braille.

O segundo entrevistado faz parte da equipe de goalball, mas está afastado devido a uma lesão. Já viajou junto com a seleção de jovens, para o exterior.

A identificação dos sujeitos não será revelada por questões éticas, sendo as respostas usadas apenas para o trabalho científico⁸.

Coleta e análises de dados

O local de coleta de dados deve ser escolhido de acordo com as necessidades da pesquisa e conter os sujeitos adequados (THOMAS & NELSON, 2002). Escolhemos o CINDEP (Centro de Integração dos Deficientes de Paulínia).

A entrevista semi-estruturada foi utilizada para a coleta dos dados. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas literalmente para análise.

Essa entrevista era composta por duas perguntas:

1- O que é beleza?

2- Quais os critérios que você utiliza para classificar uma pessoa como bonita ou feia?

É necessária uma boa preparação e um conhecimento profundo do tema pelo pesquisador. O entrevistador não deve expor sua opinião durante a entrevista, podendo intervir em alguns momentos, o que torna a entrevista uma fonte confiável e válida havendo uma vantagem sobre os questionários (THOMAS & NELSON, 2002).

A análise dos dados ocorre após a coleta. Os dados devem ser interpretados de acordo com as bibliografias lidas, sendo “o valor fundamental de um estudo de caso depende do discernimento, sensibilidade e integridade do pesquisador, que, no estudo de caso, é o instrumento principal na coleta e análise dos dados” (THOMAS & NELSON, 2002, p.295).

⁸ Vide Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1. OS SENTIDOS E A DEFICIÊNCIA VISUAL

1.1 A VISÃO

Antes de estudarmos a deficiência visual, é necessário um entendimento sobre a visão, seu funcionamento e sua importância na interação do indivíduo com o meio e no seu desenvolvimento cognitivo.

Os seres humanos possuem estruturas sensoriais responsáveis pela percepção do mundo no qual estão inseridos. Essa sensibilidade é subdividida em: estruturas de recepção (visão, olfato, equilíbrio, audição e a gustação), geral (dor, pressão, temperatura e tato), propriocepção e vibratória (percebíveis na pele, nas articulações, nos músculos, nos ossos e nas vísceras) (DUARTE, 2007).

Duarte (2007) afirma que a percepção é a interpretação dessas sensibilidades. O organismo avalia e emite respostas motoras às informações recebidas pelo corpo, fazendo assim uma melhor adaptação do indivíduo ao meio em que ele está inserido.

As referências em relação ao ambiente sempre são corporais (DUARTE, 2007). O tamanho, a forma, a textura, a distância entre o indivíduo e os objetos (esse objeto pode ser outra pessoa ou até mesmo o próprio indivíduo) são percebidos através das estruturas sensoriais. A maioria das informações é recebida pela visão que permite a experiência passiva (observação) e facilita as participações sociais.

O processo cognitivo é formado pela aprendizagem e pelo conhecimento, sendo que este é essencial para a compreensão do mundo. A quantidade de informação que o mundo nos transmite é infinita e os videntes (terminologia usada aos que enxergam) a recebem de maneira espontânea graças à visão.

“A visão é a função do olho, do sistema visual” (MARTÍN, 2003, p.23). O olho pode ser comparado a uma câmara fotográfica, pois possui um sistema de lentes, de abertura variável (pupila) e uma retina que corresponde ao filme (GUYTON & HALL, 1998).

O funcionamento correto desse órgão é fundamental para se obter uma visão normal.

Os olhos podem se movimentar em todas as direções devido à

musculatura a qual está inserido. Os dois olhos (direito e esquerdo) se movimentam simultaneamente. “Os limites dos movimentos dos olhos nas diferentes direções, sem mover a cabeça, determinam o campo de fixação ou visual” (MARTÍN, 2003).

Os estímulos visuais possuem uma trajetória, sendo esta essencial para a interpretação. O estímulo passa pelo olho (ambos os olhos apresentam a mesma trajetória), campo nasal (do respectivo olho), nervo óptico, quiasma, gânglios ópticos primários, núcleos do oculomotor, lóbulo occipital (região localizada no cérebro, responsável pela interpretação dos estímulos) (GUYTON & HALL, 1998; MARTÍN & RAMÍREZ, 2003).

Segundo Martín (2003), o sistema visual apresenta três funções:

* sentido da forma: capacidade de identificar a figura e a forma dos objetos, também conhecida como acuidade visual. Alguns fatores são determinantes para o seu estado normal como: contraste, iluminação, estado fisiológico e a idade da pessoa;

* sentido cromático: capacidade de reconhecer as cores. Apresentando três cores fundamentais: vermelho, verde e azul, sendo a iluminação fundamental para a identificação destas;

* sentido luminoso: capacidade de distinguir intensidade de iluminação. O olho se acomoda em diferentes ambientes, de luz intensa (brilhante) à escuridão.

Guyton e Hall (1998) afirmam que todos os receptores sensoriais apresentam a capacidade de se adaptarem aos seus estímulos após um algum período, respeitando as propriedades individuais de cada tipo de receptor.

As perdas e as anomalias das funções visuais são causadas por afecções oculares que podem ser de caráter hereditário, de origem congênita ou adquirida em idades precoces (MARTÍN & RAMÍREZ, 2003). Os autores apontam diversas anomalias causadas em algumas estruturas ópticas, sendo estas: anomalias que afetam a *córnea*, como eratite, distrofias coreanas e ceratone; a *ívea*, como albinismo, anclídea e coloboma (da íris, da coróide); o *crystalino*, como cataratas congênicas, afácia cirúrgica por catarata congênita e subluxação do cristalino; a *retina*, como coriorretinite, acromatopsia, degeneração macular, desprendimento de retina, fibroplasia retrolental, retinopatia diabética e retinose pigmentar; o *nervo óptico*, como atrofia óptica; a *pressão intra-ocular*, como glaucoma; a *mobilidade ocular*, como nistagmo e

estrabismo; a *refração ocular*, como hipermetropia, miopia e astigmatismo (GUYTON & HALL, 1998; MARTÍN & RAMÍREZ, 2003).

As perdas das funções visuais (acuidade visual diminuída, alterações no campo visual e anomalias ao sentido cromático e sentido luminoso) são causadas por anomalias dos segmentos do olho, vias ópticas (como por exemplo: o rompimento dos nervos ópticos causam cegueira total) ou cérebro.

1.2 A DEFICIÊNCIA VISUAL

Toda deficiência sensorial é caracterizada pela redução de informação que o indivíduo recebe do ambiente (COBO et al., 2003b).

Segundo Martín e Ramírez (2003) a acuidade visual (distância) e a amplitude do campo visual (angulação) são responsáveis pelas classificações da deficiência visual.

Alves et al. (2007) afirmaram existir três tipos de classificação em que se baseiam em análises clínicas, mas diferem em seus objetivos. São os aspectos legais, educacionais e esportivos:

1. Aspectos Legais: garantem o direito de formação, trabalho e cidadania. Esses direitos variam de acordo com as constituições vigentes em cada país. No Brasil os deficientes visuais são classificados em indivíduos cegos ou com baixa visão.

2. Aspectos Educacionais: baseiam sua classificação na capacidade de aprendizagem da leitura, alfabetização. Uma pessoa que mesmo possuindo baixa visão necessita de leitura Braille (sistema de escrita em alto-relevo criado para deficientes visuais) é classificada como cega e os indivíduos que conseguem ler a tinta mesmo utilizando aparelhos ópticos, como indivíduos com baixa visão.

3. Aspectos Esportivos: baseiam-se nas regras da IBSA (internacional blind sports federation), dividindo os atletas em três categorias: B₁ pessoas sem percepção luminosa ou com apenas a sensibilidade à luz (não conseguem identificar a forma e o contorno dos objetos); B₂ pessoas com

acuidade visual baixa (permite apenas enxergar vultos) e B₃ pessoas com uma melhor acuidade e campo visual em relação ao B₂.

A autora ainda afirma que a fase da ocorrência da deficiência visual também é relevante para a classificação. A classifica como congênita ou adquirida. Quando esta se manifesta após os cinco anos de idade é classificada como adquirida. A congênita, quando se manifesta até essa idade ou quando o indivíduo já nasce com ela porque até os cinco anos, os órgãos visuais ainda não estão totalmente desenvolvidos e conseqüentemente a memória visual nessa fase não é significativa.

1.3 A AUDIÇÃO

“O sentido da audição permite a recepção das experiências sonoras” (COBO et al., 2003, p.107). Junto com o sistema visual nos transmite a maioria das informações do mundo.

Para ter um bom desenvolvimento da audição, o cego deverá desenvolver uma percepção seletiva. Como já foi dito anteriormente, o mundo nos transmite muitas informações, a quantidade de estímulos sonoros é infinita. Um processo de aprendizagem fará com que o cego tenha o controle e selecione os estímulos que deseja prestar atenção (COBO et al., 2003).

A origem da percepção auditiva começa quando a criança é capaz de relacionar o som ao objeto que o produz. Para um deficiente visual ou cego, a audição é um sentido de apoio e apresenta um papel triplo: “proporciona a informação do meio que deveria ser recebida pelo sistema visual; serve de meio para orientação; proporciona dados para uma atuação independente do ambiente” (COBO et al., 2003, p.107).

Um fator importante é a diferenciação entre estimulação sonora e fornecimento de informação auditiva. O primeiro, quando não utilizado de forma correta, não tem significado real para a criança, o que conseqüentemente inibe o uso da audição como forma de aprendizagem, pois os sons podem causar perturbação e confusão.

Cobo et al. (2003) apresentam níveis de aprendizagem e aponta a percepção dos sons que o ambiente habitual fornece constituindo o primeiro nível. Nos

primeiros meses de vida, os cegos devem receber uma estimulação verbal adequada.

A percepção e respostas a sons concretos fazem parte do segundo estágio atingido pela criança. Nesse estágio ela demonstra consciência e seletividade aos sons que é exposta. Essa resposta a sons específicos não ocorre antes dos quatro ou cinco meses de idade, podendo ser: sorrir, girar a cabeça, balbuciar e tentar imitar os sons.

Neste mesmo nível a criança também é capaz de identificar sons vindos de objetos. Essa capacidade faz com que a criança comece a desenvolver a capacidade de autonomia junto com a capacidade de manipular os objetos.

No terceiro estágio de aprendizagem o cego é capaz de realizar a diferenciação e a discriminação dos sons familiares, vozes e tons. Nessa fase a liberdade oferecida pelos pais é fundamental. A criança deve se locomover, se mexer e explorar tatilmente os objetos que chamem sua atenção. Nesse momento os objetos produtores de som devem ser classificados e a criança deve assim, reconhecer e classificar as fontes de som.

O quarto estágio está mais diretamente relacionado à linguagem. A criança começa a identificar e reconhecer as palavras. Dar nomes aos objetos, aos movimentos e às brincadeiras faz com que a criança aprenda o significado de suas ações.

Nesse momento o rádio e a televisão podem não ter um uso positivo, causando apenas uma verbalização sem significado real, tendo um desenvolvimento negativo no processo cognitivo.

A partir do momento que a criança consegue escutar de forma seletiva ela entra no quinto estágio. Nesse momento, começa a formar seu próprio vocabulário.

O sentido da audição é um canal fundamental na recepção da informação para o deficiente visual no período escolar. Por isso, deve-se ajudar a criança a atingir a máxima eficiência no processo auditivo e no ato de escutar. Por isso, insistimos na importância de prestar a devida atenção à seqüência correta no desenvolvimento auditivo, para evitar atrasos posteriores (COBO et al., 2003, p.135).

1.4 O TATO

As sensações táteis “são aquelas que tiritam o toque, a pressão e a vibração” (GUYTON & HALL, 1998, p.334).

As sensações tátil-cinestésicas são o primeiro contato que a criança têm com o mundo que as rodeia. Quando são tocadas, levantadas e acariciadas pelos adultos, respondem girando, movendo-se e/ou chorando: tudo isso envolve o sistema motor (COBO et al., 2003, p.135).

Guyton e Hall (1998) apontam a existência de seis tipos de receptores táteis: *terminações nervosas livres* (localizadas em toda a superfície corporal e detectam tato e pressão), *corpúsculo de Meissner* (são abundantes nas pontas dos dedos e lábios; apresentam alta capacidade de adaptação aos estímulos), *receptores táteis de ponta expandida* (responsáveis por sinais constantes, localizando o local específico das sensações), *órgão terminal piloso* (detecta movimentos na superfície corporal devido à movimentação dos pêlos e também apresenta alta capacidade de adaptação), *órgãos terminais de Ruffini* (sinalizam estados contínuos de deformação da pele e dos tecidos profundos, localizados também em cápsulas articulares para detectar o grau de rotação) e *corpúsculos de Pacini* (localizados tanto na superfície da pele quanto nas camadas profundas, detecta as vibrações dos tecidos e outras alterações rápidas).

Cobo et al. (2003) aponta cinco sistemas do sentido do tato: contato físico, pressão profunda, dor, calor e frio (formando assim o sistema somatossensorial), o sentido que informa a posição (sentido cinestésico) e o sentido que informa sobre a orientação e o equilíbrio (sentido vestibular). O sistema proprioceptivo é constituído pelo sentido cinestésico e vestibular.

Afirma ainda que os sentidos apresentam três funções:

*Detecção: capacidade de responder tipos específicos de energia (energias de estímulos);

*Transdução: capacidade de transformar energia de estímulos em estímulos nervosos;

*Transmissão: interpretação (feita pelo cérebro) do estímulo enviado. O cérebro seleciona, reorganiza e modifica a informação.

O processo de identificar distâncias, formas, ângulos e profundidades é uma tarefa especialmente difícil. “As informações que chegam por meio desse sentido

são, às vezes, transitórias; com frequência, incongruentes. Igualmente, torna-se difícil integrá-las e relacioná-las à origem com seu significado” (COBO et al., 2003, p.135).

Assim como a audição, o tato também serve como um sentido de apoio e deve apresentar um desenvolvimento adequado. A atenção e o conhecimento são a base para o desenvolvimento positivo, assim o cego poderá diferenciar as qualidades do objeto (dureza, tamanho, peso, textura, forma, temperatura). Para conseguir essa habilidade de identificação a criança deverá ter experiências concretas (COBO et al., 2003).

Inicialmente, a criança deve ter contato com objetos que façam parte do seu dia-a-dia como: sabonetes, tênis, pratos, xícaras, dentre outros. A partir do momento que a criança aprende a identificar os objetos, os nomes dos mesmos devem ser introduzidos a través da linguagem.

Cobo et al. (2003) afirma que durante a próxima etapa do desenvolvimento a criança é capaz de:

- 1-utilizar objetos em três dimensões e brincar com blocos encaixáveis (por tampas em panelas, chaves na fechadura e assim por diante);
- 2-separar os objetos de acordo com a textura;
- 3-reconhecer e discrepar as diferenças entre os objetos.

O nível mais avançado do desenvolvimento ocorre quando o cego é capaz de reconhecer símbolos. Ao completar todas as etapas de desenvolvimento o cego aprende o sistema de escrita em Braille (64 combinações de pontos numa reglete-régua).

A sensibilidade dos receptores táteis precisará ser refinada por meio de contínuas experiências focalizadas em discriminações táteis, reconhecimento de objetos concretos e representações gráficas de duas dimensões, antes de introduzir os caracteres Braille, os quais requerem uma discriminação mais fina (COBO et al., 2003, p.138).

2. O DESENVOLVIMENTO DOS DEFICIENTES VISUAIS

Mena (2003) afirma que o processo de desenvolvimento visual evolui de forma espontânea em crianças com visão normal.

Num primeiro momento, o bebê percebe o estímulo e reage a ele. Após algum tempo é capaz de prestar atenção nele e manifestar que recebe informações. Aprenderá a focalizar, localizar e rastrear, embora suas possibilidades de acomodação estejam limitadas a uma distância focal relativamente fixa de cerca de vinte centímetros (MENA, 2003, p.70).

Ao enviar informações ao córtex cerebral o bebê será capaz de interpretar formas, ângulos, sombras e tamanhos, começando assim a mobilidade independente (MENA, 2003).

A autora aponta ainda a diferença de desenvolvimentos nas diferentes idades. Primeiro ano de vida: capacidade de controlar o movimento dos olhos, a acomodação e a convergência, ampliando assim sua acuidade visual e a percepção visual.

Aos dois anos de idade a evolução, além de depender do desenvolvimento psicofísico, depende também do contato com o ambiente e da maturação neurofisiológica.

No terceiro e quarto ano desenvolve-se a memória visual, facilitando com isso a percepção da parte e do todo. A diferenciação entre figuras concretas e abstratas é feita a partir dos cinco anos e o desenvolvimento máximo do sistema visual é atingido aos seis e sete anos.

A sociedade exige do cego um comportamento parecido com o das pessoas videntes. “Os cegos podem desenvolver habilidades sociais iguais ou parecidas às do seu par vidente, embora, com frequência, verifica-se retardo de dois ou três anos no seu surgimento, em comparação aos videntes” (COBO et al., 2003, p.112).

Um bebê que apresenta deficiência visual possui um sistema visual subdesenvolvido, pois o mesmo não atingiu as etapas de desenvolvimento. “O desenvolvimento do sistema visual, em crianças com baixa visão, raramente se produz de forma automática e espontânea” (MENA, 2003, p.71).

Por não terem a visão como estímulo (falta de conhecimento passivo),

os bebês cegos precisam de muitos estímulos sonoros e táteis (cócegas para um riso, e carinho para se sentirem acolhidos).

Em alguns casos isso não acontece porque há uma rejeição por parte dos pais por terem um filho que fuja da normalidade, do padrão. Nesse caso a criança não se desenvolve ao mesmo tempo em que as outras crianças, apresentando tanto no desenvolvimento motor quanto no social uma inferioridade se comparada às crianças que foram bem estimuladas. Pais com uma maior aceitação darão mais carinho aos filhos, o que conseqüentemente fará com que seu desenvolvimento seja positivo e sem retardos.

Alves et al. (2007) afirmam que a redução das experiências vivenciadas leva a uma limitação de informação e de oportunidades, limitando a integração sensorial e motora, podendo desenvolver uma falha na percepção. A fase mais preocupante é até os dois anos de idade, pois é nela que se começa a formar a consciência corporal.

2.1 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Para uma pessoa vidente o olhar é a primeira linguagem social. Em um primeiro momento conota um cumprimento e um reconhecimento. No segundo momento a criança desenvolve a discriminação social (sorri apenas para quem quer e não a todos). Em um cego esse contato se desenvolve de forma diferente, sendo realizado pela audição ou pelo tato, apresentando assim mais uma justificativa da importância do desenvolvimento das estruturas sensoriais (ORTEGA, 2003).

A primeira reação de um bebê cego ao ouvir a voz de sua mãe é virar o ouvido na direção da fala. Com o passar do tempo ela aprende quais são as posturas sociais mais adequadas. Nas primeiras semanas de vida o cego sorri ao ouvir a voz da mãe ou do pai. As estimulações táteis e sinestésicas (cócegas e brincadeiras) também produzem o riso (ORTEGA, 2003).

Ortega (2003) afirma que durante o primeiro ano de vida a criança interage com os demais predominantemente com gestos. A linguagem surge para completar os gestos e ampliar as opções de comunicação.

Segundo a autora, falta da visão não impede o desenvolvimento normal

da linguagem, “a criança cega tem capacidade para vocalizar e balbuciar, e o faz aproximadamente à mesma idade que as crianças videntes” (ORTEGA, 2003, p.84). Para que não ocorra um atraso no desenvolvimento da linguagem, a relação entre mãe-filho é fundamental desde o nascimento. A mãe deve saber interpretar os sinais que o bebê transmite. “É a relação com os adultos e o mundo exterior que vai estimular ou frear o desenvolvimento lingüístico” (p.81).

A criança cega corre o risco de não apresentar o vínculo mãe-filho positivo, pois a mãe normalmente enfrenta uma depressão por não dar a luz à criança de seus sonhos, seus ideais. O caso é ainda mais grave quando o bebê passa um período na incubadora, pois para os pais fica mais difícil estabelecer o vínculo perdido nos primeiros dias (ORTEGA, 2003).

Devemos ter em mente que, se na criança normal o momento da aquisição lingüística e a qualidade da sua linguagem se vêem modificados, devido a sua inteligência, seu meio sociocultural e forma pela qual seus pais se interagem com ela, estes aspectos se transformam em fundamentais quando nos achamos diante de um deficiente visual grave, tanto pela falta de visão em si quanto pela forma como afeta o vínculo mãe-filho (pais-filho) (ORTEGA, 2003, p.79).

A participação da mãe no primeiro momento e do pai em um segundo são fundamentais no desenvolvimento da criança. A influência segundo Duarte (2007) começa antes mesmo do nascimento. O tato e a audição começam a ser desenvolvidos na vida intra-uterina, sendo sua percepção desenvolvida após o nascimento.

Ortega (2003) afirma que, para uma criança cega, a linguagem com as mãos é fundamental. Explorar os objetos com as mãos significa desejo, discriminação e preferência. É aproximadamente aos seis meses de idade que a atenção da criança vai das pessoas para os objetos.

Alguns aspectos importantes apontados pela autora são:

- * a criança cega gosta de receber informações sobre o ambiente que as rodeia;
- * para se aproximar do mundo dos videntes a criança cega gosta de saber características visuais (cores por exemplo);
- * a competência lingüística da criança cega é melhor que da vidente. Pela exigência dos pais, usam melhor o vocabulário e constroem frases bem elaboradas.

A linguagem é o principal elemento para a aprendizagem e a interiorização dos elementos socioculturais. É também o elemento fundamental para a comunicação social. A palavra proporciona à criança relações com as outras pessoas e meios de controlar os objetos que ficam fora de seu alcance.(COBO et al., 2003b).

O vocabulário pode se desenvolver de duas maneiras: com base em palavras com significado real ou visual. O significado real baseia seu vocabulário em experiências concretas, situações vividas pelo indivíduo. O visual é baseado no verbalismo, palavras que não são conhecidas por experiência própria (COBO et al., 2003b). Assim o cego não desenvolverá um senso crítico aceitando os valores já pré-estabelecidos pelos videntes. “A mera aprendizagem de conceitos verbais carentes de conteúdo experiencial [...], pode ter efeitos negativos, tanto na aprendizagem quanto no desenvolvimento da personalidade da criança”, (ORTEGA, 2003, p.93). “pois a comunicação, além de intercâmbio de informações, é transação de valores” (COBO et al., 2003, .112).

Caso o cego baseie sua vida em suposições e opiniões alheias, começará a viver em um mundo de fantasias, o que é extremamente preocupante, “o fato de que alguma pessoa centre sua vida num mundo irreal, baseado na fantasia, pode ser considerado como uma sinal ou sintoma de distorção do ambiente que a rodeia” (COBO, 2003, p.126). Durante a adolescência a formação de sonhos e fantasias é natural, mas o fato de não saberem distinguir a realidade pode gerar uma dificuldade de relacionamento, levando o indivíduo ao isolamento e a desenvolver sentimentos de inferioridade e insegurança.

Cobo et al., (2003c) afirmam que “o cego é um criador de fantasias crônico” (p.126) e aponta duas manifestações diferentes da fantasia:

* fantasia de ação: afeta o comportamento do cego com os demais. “Apaga” da sua realidade tudo o que representa conflitos, ou guarda para si todas as suas fantasias. Manifesta-se com mais frequência em cegos adquiridos do que em cegos congênitos;

*fantasia de regressão: a pessoa foge do enfrentamento, preocupando-se apenas com situações simples, podendo assim chegar ao isolamento.

As fantasias devem ser compartilhadas e questionadas, pois isso propicia seu desaparecimento.

Para se desenvolver de uma forma positiva, a linguagem deve ser usada

para a comunicação (interação entre os demais indivíduos, socialização), orientação (aprender tanto a sua localização como a dos demais objetos no ambiente) e incentivo (estimulação para realização das atividades).

A forma negativa se desenvolve quando a linguagem é usada apenas como crítica, depreciando o indivíduo. Os erros e os acertos devem ser apontados, com isso a relação entre filho e pais ficará cada vez mais sólida. A falta de informação necessária faz com que a pessoa não entenda a realidade e não tente realizar tarefas tornando-se assim, completamente dependente.

2.2 DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO

A percepção é a maneira pela qual obtemos informações sobre o ambiente, situando-se na base dos processos cognitivos de aquisição, assimilação e utilização de conceitos.

O termo *conceito* apresenta várias definições, Cobo et al. (2003b) adotaram conceito como a representação mental. Pode se referir a idéias concretas ou abstratas “associados a uma etiqueta verbal que implica uma descrição por meio de palavras” (COBO et al., 2003, p.112).

Saber discriminar e perceber as semelhanças e diferenças é fundamental no processo de desenvolvimento dos conceitos.

O primeiro momento da percepção se classifica em decidir a que prestar atenção. “constantemente estamos expostos a um elevadíssimo número de estímulos que têm por missão disputar nossa atenção” (COBO et al., 2003, p.99).

A escolha a que prestar atenção é fundamental. A concentração, além de auxiliar na interpretação, auxiliará também na memorização de todas essas informações transmitidas, tornando o ambiente em questão seguro,

o contexto no qual memorizamos a informação pode ser agradável ou não e, posteriormente, ao ter a mesma sensação ou imaginarmos a mesma sensação podemos desencadear reações motoras, viscerais, glandulares e emocionais, de acordo com nossa primeira experiência (DUARTE, 2007, p.29).

Ao perderem uma fonte de informação importante, os cegos utilizam outros sentidos para interpretar essas informações, desenvolvendo assim relações com o

mundo diferentes das relações dos videntes.

Essas relações são feitas principalmente através da audição e do tato. O primeiro, segundo Cobo et al. (2003b), é tão importante quanto à visão, pois facilita a comunicação, facilitando assim o convívio social. O segundo não se restringe apenas à mão, mas à toda superfície corporal, proporcionando o conhecimento do meio, contato físico, pressão profunda, calor, dor e frio.

A cegueira é um complexo de situações variáveis que reduz a capacidade de reunir informações, tornando a pessoa insensível à maior fonte de conteúdo informativo, o que logicamente afeta seu comportamento, reduzindo-o a um ambiente social diferente do da pessoa vidente (COBO et al, 2003, p.119).

O sentido do olfato é o sentido menos conhecido do nosso organismo (GUYTON & HALL, 1998). Tem a missão de transformar os estímulos químicos em correntes nervosas. Os receptores responsáveis (células olfatórias) por essa transformação estão localizados no epitélio da mucosa nasal (COBO et al., 2003).

As sensações olfatórias estudadas de forma genérica apontam de cinquenta a mil sensações diferentes⁹ (GYUTON & HALL, 1998).

A sensibilidade gustativa tem como função a percepção do gosto. Sua importância está em permitir que a pessoa selecione os alimentos de acordo com seus desejos e necessidades metabólicas (GYUTON & HALL, 1998). São os chamados botões gustativos os receptores sensoriais, estes estão localizados na língua.

Os botões gustativos identificam quatro sensações diferentes: doce, amargo, salgado e ácido (COBO et al., 2003b)

Guyton e Hall (1998) classificam essas sensações:

*gosto azedo (ácido): provocado pelos ácidos. Quanto mais acidificado o ácido mais forte se torna a sensação;

*gosto salgado: provocado pelos sais ionizados. A sensação varia de pessoa para pessoa, porque além de provocar o gosto salgado provoca também outras sensações gustativas;

*gosto doce: provocado por um conjunto de substâncias químicas (açúcares, glicóis, álcoois, aldeídos dentre outros). Uma adição de um simples radical pode transformar uma substância amarga em doce;

⁹ O livro não expôs essas sensações.

*gosto amargo: assim como o doce é provocado por um conjunto de substâncias químicas (substâncias orgânicas de cadeia longa contendo nitrogênio, alcalóides¹⁰). Em altas concentrações causa rejeição, sendo esta uma função proposital, pois muitas das toxinas letais encontradas em plantas venenosas são de gosto amargo.

Até os quatro anos, a criança não explora os objetos, ela apenas se concentra nas informações que recebe do meio. No final desse período a exploração dos objetos passa a fazer parte das ações da criança. Dos quatro aos sete anos a exploração se baseia em três aspectos: explorações globais, análise incompleta das características do objeto e a análise completa do objeto. Após os sete anos, a criança entra no período de operações concretas (operações sistematizadas a partir de um ponto de referência) (COBO et al., 2003).

A percepção motora depende do conhecimento que a criança possui de si mesma (saber tudo sobre seu corpo, as partes, os planos, a situação dos objetos em relação aos planos do seu corpo e os movimentos que é capaz de realizar) (COBO et al., 2003).

2.3 DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Cobo et al. (2003c) apontam muitas controvérsias entre as definições do que é a personalidade, mas afirma que “a personalidade humana é 100% genética [...], mas também é verdade que a personalidade é 100% ambiental”. (COBO et al., 2003, p.118).

Defende ainda que a formação da personalidade começa logo após ao nascimento, concluindo assim que o vínculo mãe-filho está diretamente ligado ao desenvolvimento da personalidade.

Existem algumas variáveis que o autor aponta como as mais importantes nesse processo de desenvolvimento: a ansiedade e as expectativas geradas em relação ao controle do ambiente.

A ansiedade apresenta uma complexidade por conter uma variedade de

¹⁰ Incluem as drogas usadas em remédios como: quinino, caféina, estriçnina e nicotina.

elementos emotivos, motivacionais e comportamentais. Manifesta-se num estado emotivo desagradável, funcionando como um impulso ou a causa da ação do comportamento.

Os cegos passarão, em algum momento de suas vidas, por algumas sensações de indefesa, desenvolvendo assim uma falta de vontade em realizar e aprender novas tarefas, trazendo problemas emocionais e afetivos. “quando não controla a situação, desconecta-se, não abriga nenhum tipo de expectativa”. (COBO et al., 2003, p.119).

2.4 DESENVOLVIMENTO DA AUTO-IMAGEM E AUTO-ESTIMA

Cobo et al. (2003c) acredita que as representações mentais (imagens e julgamentos) e o conceito avaliativo de si mesmo (corporais, psicológicos, sociais e morais) formam a auto-imagem. Afirma ainda que a auto-imagem constitui a auto-estima. Essa comparação é feita tanto entre os próprios cegos como entre os cegos e os videntes. Nesse segundo caso, afirma ainda os autores, há a possibilidade de se desenvolver um sentimento de inferioridade porque a criança percebe que o ato de enxergar é a capacidade que normalmente todos possuem e ela não. “Quanto ao desenvolvimento da auto-imagem, existe maior dificuldade nas crianças parcialmente videntes que nas cegas, já que tendem mais à uma autocomiseração e estão menos aptas a aceitar suas limitações visuais” (COBO et al. 2003, p.121).

O sentimento de inferioridade se instala na pessoa cega desde o momento em que é capaz de reconhecer sua impotência para ver e compreender que a visão é uma capacidade que normalmente todos possuem. Isso cria um sentimento de insegurança em si mesmo, ao deparar-se com barreiras (físicas ou psíquicas) para atingir determinados objetivos (COBO et al., 2003, p.125).

Uma criança que possui uma auto-estima baixa acredita não ser capaz de realizar nenhum tipo de atividade sozinha. Evita novas situações (falta de certeza sobre o auto-controle), usa a deficiência como método de escape (afirma não ser capaz de realizar devido à limitação) e limita-se a poucas atividades que se julga capaz de realizar. Esse comportamento é causado pelo sentimento de inferioridade que diminui a

autonomia e aumenta a necessidade de proteção.

O sentimento de inferioridade, além de desenvolver a falta de autonomia, também faz com que a criança sinta que não atingiu às expectativas dos pais e familiares, podendo se tornar uma criança insegura, com problemas de relacionamento, chegando até ao isolamento total, “a criança aprende logo como as pessoas se sentem em relação a ela, ao seu corpo, ao seu físico, às suas habilidades em geral” (COBO et al., 2003, p.125).

As crianças com uma auto-estima elevada acreditam ser capazes de realizar muito bem as tarefas mesmo que nunca as tenham feito antes. Para elevar a auto-estima da criança são necessários muitos comentários positivos sobre suas ações (as crianças adoram quando agradam os adultos) (COBO et al., 2003c).

A criança cega precisa manipular, explorar e questionar tudo o que lhe é ensinado. Ao sentir-se segura em movimentar e conhecer todas as partes de seu corpo a criança se movimenta livremente e com segurança pelo ambiente, desenvolvendo-se assim em todos os aspectos.

Ter o conhecimento de seu corpo, de suas capacidades e limitações é fundamental para uma aceitação saudável. Os cegos não devem se importar caso as pessoas perguntem sobre sua deficiência, as pessoas são curiosas e por ser um mundo diferente do delas, perguntas serão feitas e os cegos devem se sentir a vontade com essa situação. Da mesma forma que os cegos têm curiosidades sobre palavras com significados visuais, como as cores.

O convívio em sociedade faz com que o ser humano (independente de apresentar alguma deficiência ou não) faça comparações em relação aos seus semelhantes, pois “somente por conviverem com outras pessoas podem perceber-se como indivíduos diferentes dos demais” (ELIAS, 1994, p.160).

3. BELEZA

Pelo dicionário da língua portuguesa beleza significa: Qualidade do que é belo: a beleza do rosto. Harmonia, perfeição de formas: mulher de grande beleza. Mulher bela: casou-se com uma das belezas da terra. / Bondade, excelência.

O Michaelis apresenta várias definições de beleza: **1** Qualidade do que é belo. **2** Harmonia de proporções, perfeição de formas. **3** Mulher bela. **4** Bondade, excelência. **5** O tipo da perfeição física. **6** Coisa bela ou muito agradável. Exteriores de um equívoco que consistem em tudo aquilo que nos agrada no animal, afastando-se por vezes do verdadeiro conceito de estética, para dar lugar ao fiel desempenho de determinada utilidade.

Como o adjetivo belo é citado nas duas definições pesquisamos também seu significado, e segundo o Michaelis, belo tem mais de um significado: **1** Que tem beleza; formoso, lindo. **2** Que tem proporções harmônicas. **3** Agradável ao ouvido. **4** Distinto, escolhido. **5** Ameno, aprazível, sereno. **6** Feliz, próspero. **7** Robusto, vigoroso. **8** Emprega-se com um sentido mal definido, e pouco mais ou menos equivalente ao do indefinido *certo: Um belo dia, resolveu entrar para o convento. sm* **1** Caráter ou natureza do que é belo. **2** Conjunto harmônico de certos caracteres ou qualidades que despertam na alma sentimento de prazer e admiração.

Segundo Duarte Jr. (1987), beleza significa a relação entre a pessoa e o objeto, o sentimento vivido ao ter o primeiro contato.

O autor afirma ainda que o sentimento mencionado anteriormente varia de pessoa para pessoa, de situação para situação (diferença entre a percepção estética e a rotineira). Como por exemplo: a maneira como um maestro escuta uma música é diferente de uma pessoa que nunca viu uma partitura, ou a forma como um jardineiro olha uma flor e o sentimento de uma mulher apaixonada ao vê-la. Esse conceito acima mencionado cabe corretamente a obras de artes, músicas, plantas e animais, mas pode ser usada também para beleza corporal?

Uma mesma pessoa pode desenvolver ao mesmo tempo sentimentos agradáveis ou desagradáveis em uma outra pessoa “assim, um mesmo estímulo causa percepções diferentes a cada momento e em cada pessoa” (DUARTE et al., 2007, p.130). A maneira, a ocasião, o ambiente, o momento em que cada pessoa está vivendo

influenciam para esta reação. Um encontro que acontece após uma reunião estressante não terá o mesmo efeito que um encontro em frente a uma paisagem paradisíaca. Pois o mesmo autor ainda afirma que “[...] a percepção gerada varia de indivíduo para indivíduo. Altera-se de acordo com o comportamento emocional, com o nível cognitivo e com as experiências motoras de cada um” (DUARTE et al., 2007, p.22).

Esses sentimentos desenvolvidos independem do fato da pessoa ser bela ou não. Então o que seria a beleza facial? E a corporal?

Segundo um documentário apresentado no Discovery Channel (1996), existem vários métodos diferentes para calcular a simetria facial, separando assim o belo do feio.

O primeiro método apresentado é usado pela neuro-psicóloga Nancy Etkoff, pesquisadora da Universidade de Harvard. A pesquisadora utiliza o Método de Galton¹¹, que faz sobreposições de vários rostos, realizando assim a média entre eles e afirmando que essa sobreposição é mais atraente que os demais rostos. Acredita que os seres humanos fazem sobreposições mentais de todos os rostos que já viram no decorrer de suas vidas e assim, formam seu próprio padrão de rosto perfeito. Ao rostos que mais se parecem com esse padrão são considerados belos.

Ainda afirma que a beleza apresenta uma importância biológica por mostrar os indivíduos mais saudáveis, com melhores formas físicas e capacidade de reprodução.

Para provar essa afirmação ela selecionou alguns rostos. Alguns voluntários os classificaram como belos ou não. Em seguida ela apresentou as fotos aos bebês, que segundo a autora pouco após o nascimento conseguem distinguir o belo do feio, e o que define isto é o tempo que o bebê olha para cada foto.

O segundo método apresentado é dos biólogos evolucionistas da Universidade do Novo México, Randy Thornhill e Steven Gangestad que estudam a simetria animal e sua relação com a atração sexual e a escolha dos parceiros. Afirmando que os animais escolhem para ser seus parceiros os mais simétricos por estes possuem bons genes, o que conseqüentemente transmitirá aos descendentes esses bons genes.

A dupla de biólogos resolveu estudar se esta relação interferia apenas

¹¹ Francis Galton acreditava na época que era possível definir o caráter moral através da análise das sobreposições dos rostos. Usou os prisioneiros da Inglaterra para testar sua teoria e observou que não havia um padrão de caráter mas uma melhora na aparência das faces que eram sobrepostas. (Discovery Channel).

com os animais ou com os seres humanos também. Com isso selecionaram alguns alunos voluntários da Universidade para a pesquisa e seus rostos foram analisados e classificados de acordo com as suas simetrias calculadas por computadores¹².

Os rostos mais simétricos apresentavam os menores números. Podemos observar nas figuras a seguir que o rosto do ator Tom Cruise tem uma razão menor, portanto seu rosto apresenta uma melhor simetria, o que o deixa mais atraente.



Fig.1 A simetria já calculada pelo computador

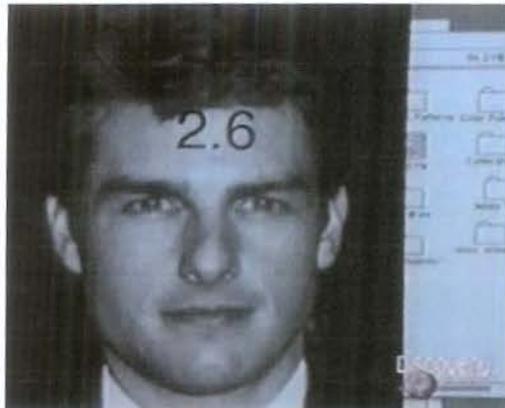


Fig.2 A simetria do ator Tom Cruise.
Imagens retiradas do documentário

Outros estudantes também voluntários ficaram responsáveis por classificar os rostos analisados (sem saber previamente, o resultado da simetria calculada). As notas dadas na classificação variavam de um (para os menos atraentes) a dez (para os mais atraentes). No final da pesquisa os rostos que obtiveram a melhor simetria pela análise dos computadores também apresentaram as maiores notas. Alguns rostos famosos também foram analisados e os rostos defendidos como belos pela mídia

¹² Não há explicações sobre o cálculo dessa simetria.

também apresentaram uma melhor simetria, concluindo assim que rostos com uma melhor simetria facial são mais atraentes do que rostos com uma simetria inferior.

O terceiro método é defendido pelo Doutor Stephen Marquardt, cirurgião plástico da Universidade da Califórnia, e usa a razão de Fibonacci¹³ para calcular a simetria facial. Ele afirma que o rosto apresenta formas geométricas, mais precisamente pentágonos. Os pontos desses pentágonos se juntam formando assim milhares de desenhos. Com esses desenhos o Dr. Marquardt produziu uma máscara que servirá de modelo para os rostos a serem modificados nas cirurgias.

Essa máscara criada pelo cirurgião pode ser usada em qualquer rosto independente do sexo e da raça. Podemos observar nas figuras 7 e 8 que quanto mais assimétrico é o rosto, menos ele se encaixa na máscara.



Fig.3 máscara utilizada pelo Dr. Marquardt

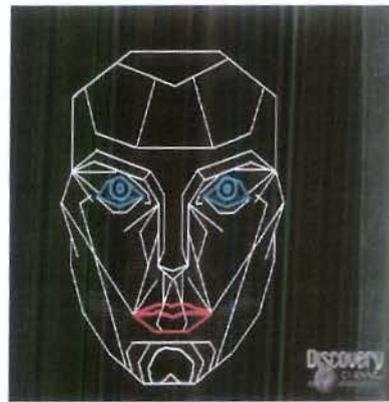


Fig. 4 Máscara com as linhas mais visíveis

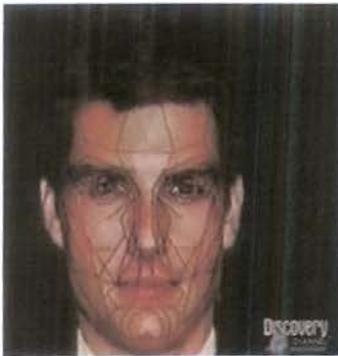


Fig.5 O rosto simétrico do Tom Cruise encaixa na máscara

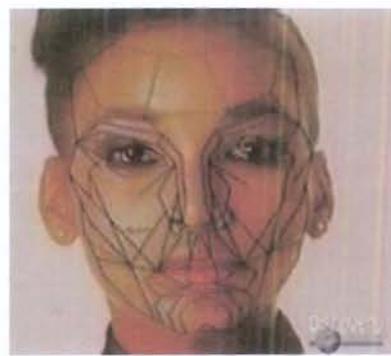


Fig.6 Rosto da mulher encaixando perfeitamente na máscara

¹³ A razão de Fibonacci utiliza a constante de 1:1618. Pode ser utilizada na arquitetura, nas plantas e no corpo humano.



Fig.7 Rosto menos simétrico



Fig.8 Rosto assimétrico

E a beleza corporal, também depende de uma simetria calculada?

Leonardo da Vinci em 1490 fez o Homem Vitruviano¹⁴, um homem desnudo dentro de um círculo feito usando a matemática para calcular exatamente as proporções corretas.

*A longitude dos braços estendidos de um homem é igual à altura dele;

*a distância entre o nascimento do cabelo e o queixo é um décimo da altura de um homem;

*a distância do topo da cabeça para o fundo do queixo e a distância do cotovelo para a axila apresentam um oitavo da altura total;

*a distância do nascimento do cabelo para o topo do peito é um sétimo da altura de um homem;

*a distância do cotovelo para o fim da mão é um quinto da altura de um homem;

*a distância do topo da cabeça para os mamilos e a largura máxima dos ombros são um quarto da altura de um homem;

*a distância do fundo do queixo para o nariz e a distância do nascimento do cabelo para as sobrancelhas são um terço da longitude da face;

*o umbigo é o centro da gravidade;

*um palmo é a largura de quatro dedos;

*o pé é a largura de quatro palmos;

¹⁴WIKIPÉDIA. A Enciclopédia Livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_\(desenho_de_Leonardo_da_Vinci\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci))>. 19 de outubro de 2008: 22:01

- *o antebraço ou cúbito é a largura de seis palmos;
- *a altura de um homem é quatro antebraços (24 palmos);
- *um passo é quatro antebraços;
- *a longitude da mão é um décimo da altura de um homem;
- *a altura da orelha é um terço da longitude da face.

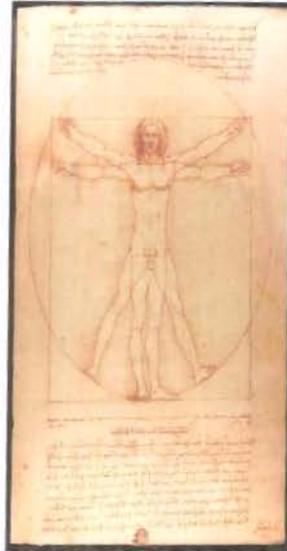


Fig.9 O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci¹⁵

O homem Vitruviano também apresenta a razão de Fibonacci: a razão entre a distância da cabeça para o umbigo e do umbigo para a planta dos pés é de 1:1618, assim como a razão entre a falange distal e a medial ou entre a falange medial e a proximal das mãos (figura 10). Essa razão pode ser medida por um transferidor que independente da distância apresentará essa razão. Esse transferidor é usado pelo Dr. Marquardt para medir tanto a razão facial quanto a corporal em suas cirurgias plásticas.

¹⁵ WIKIPÉDIA. A Enciclopédia Livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_\(desenho_de_Leonardo_da_Vinci\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci))>. 19 de outubro de 2008: 22:01



Fig.10 A razão de 1:1618 entre a falange proximal e a falange medial

Apesar da existência dessa proporção corporal, são os meios de comunicação que definem os corpos perfeitos. Esses modelos de corpos perfeitos, os padrões já pré-estabelecidos pela mídia, são os objetivos a serem alcançados pela sociedade. Essa influência da mídia “tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens” (GOLDENBERG, 2002, p.8).

Surge assim a expressão “corpolatria”, um culto exagerado ao corpo que explora o narcisismo, o individualismo e a alienação. Uma religião que tem seguidores (mulheres principalmente), templos (academias, clubes) e hora certa para realização das atividades. Os seguidores buscam os mesmos objetivos, o corpo ideal, o padrão de belo defendido pela sociedade, a perfeição. Ao nos depararmos com essa realidade padronizada observamos o desejo e os sacrifícios a que as pessoas se submetem para atingir esse padrão (CODO & SENNE, 1985).

Os sacrifícios variam desde a busca por atividade física com ou sem acompanhamento profissional até plásticas, esteticistas e dietas (saudáveis ou não, nem sempre com acompanhamento de nutricionista) podendo desenvolver compulsão e/ou distúrbios alimentares (anorexia e bulimia). Hoje em dia “os conceitos de saudável e “sarado” estão completamente atrelados e parece que constantemente confunde-se o corpo em exposição na mídia, com indivíduos saudáveis” (SIQUEIRA, 2006, p.26).

Em sua tese Daniels (1999) aponta como os meios de comunicação definem o corpo perfeito, apresentando os guias para realizar a atitude correta e obter uma primeira impressão positiva (apresentação). O padrão de corpo e rosto, os cuidados com a higiene, o comportamento ideal, a gestualidade e a vestimenta são os fatores

determinantes para que a apresentação ocorra dentro dos padrões. As revistas¹⁶ apontam as melhores atitudes para cada tipo de corpo, dão dicas de uma alimentação saudável, cortes de cabelo para cada tipo de rosto, dicas de roupas para cada tipo de corpo e assim por diante.

Siqueira (2006) ao analisar as revistas publicadas pela Companhia Athletica¹⁷ observou que a mídia também deixa implícito que atingir essa perfeição corporal é uma forma de conquistar sucesso profissional, social, familiar e amoroso.

Nossa preocupação com a aparência vai muito além da imagem externa. Isso é inerente à pessoa que somos, afetando as escolhas que fazemos e os objetivos que procuramos atingir. A beleza não é apenas uma questão pessoal e psicológica, mas também uma questão social (FREDMAN, 1994, p.11).

Nos séculos XVI e XVII, a alta sociedade, os burgueses, era representada por pessoas fortes com alto índice de gordura corporal (acima do peso) e com a pele pálida. Essas características demonstravam que estas pessoas possuíam dinheiro para se alimentar e empregados para realizar as tarefas, o que os deixavam com a pele clara por não entrarem em contato com o sol.

Hoje em dia, os valores se inverteram. A magreza e a pele bronzeada estão cada vez mais valorizadas.

Goldenberg (2002) discute sobre a força que o culto ao corpo ganhou a partir da segunda metade do século XX, com novas profissões sendo criadas (cirurgião plástico, dermatologistas, personal trainers, nutricionistas e esteticistas). Há hoje em dia a glorificação do corpo e o exibicionismo.

Atualmente, admiram-se os indivíduos com a aparência magra, por haver o controle da quantidade de alimento ingerido por dia (as revistas, a televisão e a internet informam quantas calorias uma pessoa deve ingerir de acordo com cada atividade que realiza). A pele pálida perdeu a preferência para a pele bronzeada.

A sociedade, as pessoas, a cultura e as fontes influenciadoras mudaram e com isso o padrão de beleza também sofreu transformações. A mídia montou o ser humano perfeito: pele bronzeada, músculos fortes e bem definidos, baixo índice de gordura corporal e cabelos sempre arrumados.

Conseqüentemente, a ciência tem investido em tecnologia, e esta por

¹⁶ Daniels analisou em sua tese três revistas: Corpo a Corpo, Vip e Boa Forma.

¹⁷ Companhia Athletica é uma rede de academias localizadas pelo Brasil (ao todo são doze unidades). Todas as pessoas interessadas (alunos ou não), têm acesso às revistas que são publicadas bimestralmente.

sua vez direciona suas pesquisas para a manipulação do corpo. Manipular o corpo interno nos é permitido através do desenvolvimento da medicina e manipular o corpo externo está sendo cada vez mais possível com o desenvolvimento da corrente estética e dos cosméticos. Podemos agora moldar o nosso corpo de acordo com a nossa preferência (DANIELS, 1999).

Além do culto exagerado pela busca da perfeição corporal, vivemos um momento em que o prazer está sendo valorizado, a liberdade sexual e o autoconhecimento são defendidos por todos.

Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente (GOLDENBERG, 2002, p.9).

A aparência corporal é de uma importância maior que os sentimentos, principalmente para as mulheres, que fazem de seu corpo uma exibição sexual. Isso se explica pela influência que as imagens constantemente trazem para a vida das pessoas, aumentando cada vez mais a dependência visual (FREEDMAN, 1994).

O conflito entre o instinto, o impulso e as vontades com os limites impostos pela sociedade fazem parte do cotidiano das pessoas, porque preocupar-se com a opinião alheia faz parte do desenvolvimento humano. Uma criança sempre espera a aprovação, um elogio ou um incentivo dos pais quando realiza uma tarefa. Somos objetos de desejo de nossos pais (TAVARES, 2003).

Nesse momento a afetividade é importantíssima no desenvolvimento das pessoas. Ela é composta por duas diretrizes: a individual, composta por características biológicas, e a sociocultural, composta pela relação do “eu” com o mundo, interferindo “entre o fisiológico e o social, ao mesmo tempo, não se apresentando como uma simples somatória dos dois” (TAVARES & CATUSSO, 2007, p70), reforçando a ideia de que a preocupação com a aparência vai além da imagem, importando-se também com a sociedade.

Essa preocupação com o social é inevitável. As pessoas são sociáveis e com isso sofrem influência da cultura gerada por essa comunidade. A opinião alheia é fundamental. Eu sou assim. Mas como deveria ser? O que eu gostaria de ser? Como os outros me vêem? Como eu gostaria que me vissem?

São esses questionamentos que fazem da sociedade uma forte influência e com isso moldam, junto com o fisiológico, a nossa Imagem Corporal (TAVARES, 2003).

3.1 IMAGEM CORPORAL

A imagem corporal “engloba todas as formas pelas quais uma pessoa experiencia e conceitua seu próprio corpo” (TAVARES, 2003, p.15). É “[...] a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (SHILDER, 1980, p.11).

A estrutura final do modelo do corpo depende da situação global. Os dados visuais e táteis são usados na imagem corporal de acordo com a situação. Mas, algumas vezes os dados visuais determinam nossas impressões táteis, e, dessa maneira, o modelo do corpo (SHILDER, 1980, p.96).

Ao imaginar nosso corpo ou um objeto qualquer, não o fazemos apenas com a percepção, fazemos também com a personalidade. A personalidade define uma tendência para a ação. “Temos que esperar emoções fortes referentes ao nosso próprio corpo. Nós o amamos. Somos narcisistas” (SHILDER, 1980, p.15).

A imagem corporal reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante. Percepções que se concretizam em um corpo. Nossa história é, antes de mais nada, a história de nossas experiências perceptivas (TAVARES, 2003, p.20).

A história que constitui a formação e as experiências perceptivas não é escrita apenas por uma pessoa sozinha, e sim por um conjunto de pessoas que interagem formando a comunidade, a sociedade. “O modelo postural do nosso corpo se relaciona com o modelo postural dos corpos dos outros” (SHILDER, 1980, p.15).

Viver em sociedade significa ter um padrão (o padrão social) para que todos consigam viver em harmonia. Esse padrão define o comportamento ideal, a postura ideal e até mesmo a beleza ideal.

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diferente da percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos

restrita de funções e modos de comportamentos possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida: deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele (ELIAS, 1994, p. 21).

Normalmente, esse padrão social é a razão de conflitos e da negação interna, pois o corpo responde de forma inadequada a esse padrão (quero e tenho vontade, mas não posso), “a pessoa toma como referencial de si o ideal cultural e nega seus sentimentos, sua realidade corporal” (TAVARES, 2003, p.87).

Esse bloqueio dos impulsos e das vontades (as limitações impostas pela sociedade) desenvolve as fantasias (devaneios, imaginações e pensamentos), uma defesa contra a ansiedade. “Podemos dizer que a impulsividade emerge do corpo, se reflete em fantasias, estas modificam nossas imagens corporais e do mundo, influenciando nossas percepções e movimentos” (TAVARES, 2003, p.92).

A relação com o mundo apresenta um papel importante na formação da imagem corporal. Essa relação está em constantes transformações, conseqüentemente a imagem corporal também se modifica. “A imagem corporal é considerada importante, um elemento real e mutável, passível de se desenvolver, vulnerável aos efeitos deletérios de traumas e doenças” (TAVARES, 2003, p.39).

Múltiplos fatores podem influenciar no processo de desenvolvimento da imagem corporal. Podemos citar alguns fatores como: doenças, amputações, traumas, deficiência do sistema nervoso em processar adequadamente imagens mentais, modificações muito rápidas de crescimento, relações sociais e afetivas inadequadas, tipo de personalidade, perdas de pessoas queridas, crise financeira, perda de emprego, idade, entre outros (TAVARES & CATUSSO, 2007, p.78).

Os autores apontam ainda que esses fatores podem ocorrer separadamente ou combinados, dificultando assim as experiências corporais e limitando o desenvolvimento de uma imagem corporal satisfatória.

O desenvolvimento da imagem corporal ocorre durante toda a vida, “[...] acontecem desde a vida intra-uterina, por meio da sensação da pele submersa no líquido amniótico” (DUARTE, 2007, p.22), mas é nos primeiros anos que é facilitada, tendo influências fisiológicas, afetivas e sociais dessa época (TAVARES, 2003). “É verdade que, quando estruturamos a imagem corporal, individual e alheia, sempre tendemos a construir algo estático que logo será novamente dissolvido. Retornamos sempre às posições primárias do corpo” (SHILDER, 1980, p.233).

Shilder (1980) afirma que quando se trata de beleza, estamos falando da imagem corporal em repouso.

A beleza e a feiúra apresentam um papel importante da vida das pessoas, “a beleza pode ser uma promessa de satisfação completa ou levar a tal satisfação. [...] a beleza e a feiúra não são fenômenos do indivíduo isolado, mas fenômenos sociais da maior importância” (SHILDER, 1980, p. 231, grifo nosso).

O autor aponta ainda a importância da imagem que o indivíduo possui de si mesmo, juntamente com a imagem que os demais também o fazem, sendo isto um resultado da vida social.

Aponta ainda que o ser humano não pode ver sem agir, “a beleza absoluta está além da beleza de ação.” (SHILDER, 1980, p. 233).

A participação dos pais também interfere na formação da imagem corporal. Os pais desejam um filho e o idealizam com aquilo que consideram ideal (valores e crenças culturais), ou seja, o bebê estará inserido na cultura já existente. “O desejo é fundamental, mas é preciso que a mãe tenha certa flexibilidade pois o bebê, certamente, não corresponderá a um ideal pré-estabelecido por ser uma realidade concreta” (TAVARES, 2003, p.96). Pais muito invasivos (super-protetores) impedem o processo de separação, de individualização e de ganho de autonomia.

3.2 IMAGEM CORPORAL E DEFICIÊNCIA VISUAL

Os cegos apresentam uma percepção sobre a sociedade a qual estão inscritos, diferente das pessoas videntes. Mesmo entre os videntes há diferenças no desenvolvimento.

As crianças, no momento do nascimento, sejam videntes ou cegas, têm todas determinadas capacidades reais para receber os estímulos do ambiente; [...] embora também seja verdade que não existem duas crianças iguais no desenvolvimento, influenciando nisso as características pessoais, os estímulos ambientais e as experiências prévias (COBO et al., 2003, p.98).

Cobo et al. (2003) afirmam que os cegos apresentam uma percepção restrita da realidade por não possuírem a visão (maior fonte de informação). Dessa

forma, Alves et al. (2007) afirmam que os cegos “utilizam outros meios que não visuais para estruturar sua imagem corporal”. (p.134).

Para que ocorra um desenvolvimento sem déficits é necessária uma estimulação multissensorial, fazendo com que a criança tenha um conhecimento sobre si mesma e do mundo que a rodeia (COBO et al., 2003).

Cobo et al. (2003) defendem a idéia de que os cegos podem possuir um entendimento distorcido da realidade. As informações táteis são limitadas ao alcance da superfície corporal e as informações auditivas e olfativas são restritas e produzidas por poucos objetos podendo, desenvolver uma imagem corporal distorcida.

Alves et al. (2007) afirma que a visão é responsável pela formação das imagens mentais, apresentando como base as experiências vividas pelo corpo. Essas informações juntamente com as demais percepções dos outros sistemas, possibilita o conhecimento corporal, fator determinante para a formação da imagem corporal.

Para o desenvolvimento da imagem corporal do deficiente visual é essencial que este explore seu ambiente, tenha oportunidades de se relacionar com os outros e que, acima de tudo, movimente-se. [...] A falta ou limitação na movimentação, além de restrições em estímulos táteis ou auditivo, podem acarretar prejuízos na imagem corporal dessa população (ALVES. 2007, p. 136).

Ortega (2003) afirma que o olhar é o primeiro contato social. Um indivíduo cego desenvolverá esse primeiro contato de forma diferente, nesse caso o desenvolvimento da audição e conseqüentemente da comunicação são fundamentais.

O momento em que a perda da visão ocorre também é relevante, “quanto maior for a idade da criança, menos será afetado seu desenvolvimento psicomotor, mais experiência terá vivido e mais avançado será seu desenvolvimento verbal, no sentido da normalidade” (ORTEGA, 2003, p.82).

A auto-imagem está diretamente relacionada ao desempenho.

[...] o sucesso é sentido como tal quando nasce da experiência de autonomia. Observa-se o efeito que tem sobre a aprendizagem e o rendimento o fato de todos perseguimos como meta básica a experiência de agir de maneira autônoma (COBO et al., 2003, p.120).

Segundo Cobo et al. (2003):

A imagem corporal, nos últimos anos se tem concentrado a atenção no fato de as crianças cegas terem uma imagem restrita de si mesmas. Uma criança que vê, ao contrário, é capaz de perceber por meio da visão que sua mãe e outros seres não são parte dela, diferenciando-se do meio que a rodeia (p.121).

Os autores também afirmam que o fato dos cegos viverem em um mundo de videntes faz com que eles tenham curiosidade e desejem descobrir informações visuais. Sentem-se obrigados a aceitar e conviver com os ideais e os modelos que rodeiam os videntes e os cegos. Os cegos para serem aceitos, devem agir igualmente aos videntes.

A participação da sociedade e principalmente das pessoas mais próximas (pais, educadores, familiares e amigos) no desenvolvimento social, psicomotor e da imagem corporal é um fator determinante pois, “[...] todas as pessoas que se encontram fora de nós são necessárias para a estruturação da imagem de nosso corpo” (SHILDER, 1980, p.236).

4. REFLEXÕES E DICUSSÕES

De acordo com o estudo de caso realizado¹⁸, os cegos utilizam num primeiro momento a audição (tom da voz e a comunicação) e o olfato (sensações que transmitem as primeiras características) e num segundo momento, a percepção tátil.

A voz assim, é uma das primeiras características que a gente observa na pessoa. O cheiro, são características muito importantes (entrevistado 1).

Os entrevistados demonstraram uma certa dificuldade em determinar o substantivo beleza. O entrevistado 1 afirmou que beleza é tudo o que a pessoa pode expressar (pelas ações, fala e através do corpo). Afirmou ainda, que pessoas belas, são cativantes, as características físicas não se fazem importantes.

Tudo é beleza. Seu jeito de ser, suas características, a personalidade. Tudo faz parte da beleza da pessoa (entrevistado 1).

Só que eu tenho uma coisa comigo, que eu sei quando a pessoa é bonita mas eu não consigo definir como.
Pra falar pra você qual que é o jeito que eu descubro que aquela pessoa é bonita, tem gente que fala que é só pela voz, tem gente que fala só tocando. Eu não sei o jeito. Eu vou mais pelo jeito da pessoa (entrevistado 2).

Em relação à beleza física o entrevistado 1 falou que para um julgamento mais preciso o tato é fundamental para reconhecer os padrões estabelecidos pela sociedade (alto ou baixo, gordo ou magro, tipo de cabelo).

Dentro dos padrões que a sociedade impõe, em relação a beleza, é, muito o tato "né"[...] Então na verdade, você analisa na forma tátil pra você apenas perceber como aquela pessoa é. Se ela é magra, se ela gorda, se ela é alta, se ela é baixa, se ela tem cabelo liso ou enrolado(entrevistado 1).

Um fator relevante é a influencia dos videntes na análise dos indivíduos. A primeira entrevistada afirmou que com a descrição feita pelos videntes ela forma uma imagem mental (afirma não saber se corresponde à imagem real).

Dentro dos padrões que a sociedade impõe, em relação a beleza, é, muito o

¹⁸ Vide anexo B.

tato “né” Não num primeiro momento é claro, mais num segundo momento pra você analisar como a pessoa é, você trabalha com a questão tátil, e, é o principal. E também a opinião das pessoas, porque as pessoas te descrevem e você faz aquela imagem mental na sua cabeça de como ela é, mesmo não estando vendo “né” e nunca ter visto “né”.

Mas a gente constrói uma imagem, que eu não posso dizer pra você se a imagem que eu construo na minha cabeça é semelhante à imagem real “né” mais é a minha imagem (entrevistado 1, grifo nosso).

Aquí o pessoal daqui é todo mundo enturmado, quando a pessoa é bonita, bastante bonita, eles “fala” (entrevistado 2).

A entrevistada 1 afirmou que essas características físicas não mudam a primeira opinião formada através da audição e do olfato, e se apaixona pelo ouvido, pelas palavras ditas e não pelos aspectos físicos que não fazem diferença a ela.

O segundo entrevistado afirmou não saber o que é a beleza em si, mas sabe julgar se uma pessoa é bela ou não.

Para ele, a beleza interior é mais importante que a beleza exterior, o jeito, o carisma. Antes da percepção tátil a imaginação é fundamental, mas a personalidade e o carisma das pessoas são mais importantes que a estética.

É obvio que a influência estética desaparece quando o desejo sexual se torna mais forte, e chegamos à conclusão de que o objeto estético desencadeia atitudes instintivas, mas que tais atitudes são prematuramente inibidas e interrompidas, de modo que o prazer estético, embora ofereça descanso e relaxamento, não possibilita uma satisfação completa dos desejos e, portanto, continua distante do objeto (SHILDER, 1980, p.229).

Para os dois entrevistados a beleza estética não é fundamental para uma aproximação. Muitas revistas produzem reportagens de boa apresentação. Essas reportagens apresentam alternativas e conselhos para um comportamento ideal (roupas, maquiagens, modos de higiene) afirmando que a primeira impressão é fundamental e essencial. (DANIELS, 1999).

Pudemos observar, no estudo de caso, a influência da sociedade, dos videntes que convivem com os sujeitos da pesquisa. Esses videntes descrevem as pessoas de acordo com o padrão de beleza da sociedade, quais as características positivas e negativas.

Então na verdade, você analisa na forma tátil pra você apenas perceber como aquela pessoa é. Se ela é magra, se ela gorda, se ela é alta, se ela é baixa, se ela tem cabelo liso ou enrolado (entrevistado 1).

Essa influência teria mais efeito no segundo entrevistado, que ao conversar com uma pessoa que julga bonita a imagina de cabelo liso e loiro, características que lhe foram passadas como positivas.

E aí vamos supor sabe... Por exemplo, eu imagino uma pessoa loira do cabelo liso, aí sem tocar nela. Aí eu vou lá e vejo no cabelo dela...e aí vejo que é meio ondulado (entrevistado 2).

Em outro momento da entrevista, conta como conheceu sua namorada e afirma que os vizinhos com quem convive afirmaram que ela seria mais bonita que ele. Comentário este, que pode gerar um sentimento de insegurança e de inferioridade.

É assim, porque assim, vou citar o caso da minha namorada, quando eu comecei a conversar com ela, ficar junto com ela, aí o pessoal já vem: e aí tá namorando? E tal. Começou aquelas coisas de sempre. E aí, depois que ela foi embora, me falou: ela é muito bonita pra você, ela é muito bonita (entrevistado 2, grifo nosso).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um cego congênito não apresenta memória visual mas mesmo assim, os entrevistados, sabem quando uma pessoa é bonita fisicamente ou não. Quais são os valores que estão sendo passados?

A mídia tem sim suas responsabilidades porém, a maior responsabilidade está nos pais, educadores, pesquisadores e nas demais pessoas que convivem diretamente com esses indivíduos.

A importância dos pais começa desde antes do nascimento (primeiros contatos), está no desenvolvimento da personalidade, linguagem, auto-estima, motor e da imagem corporal.

Como educadores, devemos orientar os familiares de sua importância tanto no desenvolvimento, como principalmente, na comunicação, padrões e valores que transmitem aos seus filhos.

A responsabilidade dos pesquisadores está nos trabalhos feitos, a maioria dos trabalhos encontrados sobre o desenvolvimento dos deficientes visuais é a comparação em relação aos videntes.

Sendo a percepção do mundo diferente entre dois indivíduos (até mesmo entre os videntes há diferenças de desenvolvimento) como é possível uma comparação em seu desenvolvimento?

Usando o desenvolvimento dos videntes como padrão, aplicam-se os mesmos estímulos e esperam-se as mesmas respostas. Um cego congênito precisa para o seu desenvolvimento, de estímulos diferentes e realizará reações diferentes sendo a meu ver, imprópria a comparação.

Os demais indivíduos (familiares e amigos) que convivem com os deficientes visuais também apresentam influência no desenvolvimento. No estudo de caso apresentado observamos essa influência.

O segundo entrevistado imagina uma pessoa loira de cabelo liso, esse é o padrão de beleza que lhe foi passado. Em um segundo momento da entrevista, o mesmo indivíduo, conta como começou a namorar, as brincadeiras feitas pelos amigos videntes e o comentário feito que sua namorada é muito mais bonita que ele.

Os comentários feitos por essas pessoas podem gerar sentimentos positivos ou negativos. No caso do entrevistado, os sentimentos gerados são

negativos, podendo ser de inferioridade e insegurança.

Alves et al. (2007) afirmam que para a formação da imagem mental a visão é fundamental. No estudo de caso, o entrevistado 1 afirma que a partir do relato feito pelos videntes, ela elabora imagem mental, mesmo sem nunca ter visto.

Os cegos apresentam curiosidade sobre o mundo dos videntes, saber as características visuais (ORTEGA, 2003). Os videntes responsáveis em transmitir essas informações, não devem ser tendenciosos. Uma informação tendenciosa não tem apenas o caráter informativo, tem também a influência da opinião.

Ao serem questionados sobre o que é beleza, os entrevistados apresentaram dificuldade em responder. Ao decorrer das demais perguntas, apresentaram uma definição.

O jeito, o carisma, o caráter, a personalidade e as atitudes das pessoas são os fatores mais importantes para eles (entrevistados) classificarem as pessoas como belas ou não.

Quanto aos aspectos físicos, os sujeitos demonstraram ter conhecimento sobre os padrões da sociedade.

Também observei meu comodismo. Por ter a visão não exploro os outros sentidos. Durante a entrevista começou a chover, um entrevistado me perguntou se era chuva. Mesmo sem olhar saberia responder mas inconscientemente, virei o olhar em direção à janela.

Ao concluir esse trabalho fiz uma avaliação quanto ao meu conceito de beleza, e o que levo em consideração ao conhecer uma pessoa. Percebi que em diversos momentos julguei as pessoas pela aparência e depois ao conhecê-las melhor mudei de opinião. Mas não foi com todas (as que julguei) que tive uma segunda oportunidade. Talvez tenha deixado de conhecer uma pessoa com ótimas qualidades por ter realizado um pré-julgamento.

Ao me tornar uma educadora física, serei vista como referência pelos meus alunos, portanto os planejamentos realizados, minha conduta devem ser feitos sem um julgamento premeditado. Ajudarei meus alunos a formarem seus próprios valores a partir de diversas vivências e experiências.

Como pesquisadora, ainda tenho muito a aprender. Mas ao realizar esse trabalho amadureci como pessoa, aluna e pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Luíza Tanure; ALMEIDA, José Júlio Gavião de; DUARTE, Edison. Imagem Corporal e a Deficiência Visual. In: TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **O Dinamismo da Imagem Corporal**. São Paulo: Phorte, 2007.

BUENO, Salvador Toro; MARTÍN, Manuel Bueno (Coord.). **Deficiência Visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

CAETANO, Aletha Silva. **Proposta de Investigação da Adesão e Influência da Atividade Física Adaptada na vida de Mulheres com Incontinência Urinária de Esforço**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

COBO, Ana Delgado; RODRÍGUEZ, Manuel Gutiérrez.; BUENO, Salvador Toro. Aprendizagem e Deficiência Visual. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.) **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003a.

COBO, Ana Delgado; RODRÍGUEZ, Manuel Gutiérrez.; BUENO, Salvador Toro. Desenvolvimento Cognitivo e Deficiência Visual. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.) **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003b.

COBO, Ana Delgado; RODRÍGUEZ, Manuel Gutiérrez.; BUENO, Salvador Toro. Personalidade e Auto-Imagem do Cego. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.) **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003c.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. **O Que é Corpo(latria)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANIELS, Monica Correia. **Traços Físicos, Imagens Sociais: Representações da Feiúra**. 1999. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

DUARTE, Edison. Aspectos Neurofuncionais da Imagem Corporal. In: TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **O Dinamismo da Imagem Corporal**. São Paulo: Phorte, 2007.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos Indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREEDMAN, Rita. **Meu Corpo...Meu Espelho: aprendendo a conviver com seu corpo, a aceitar seu visual e a gostar cada vez mais de você**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

FURTADO, Otávio Luis da Cunha. **Reflexões dos Objetivos e Métodos para o**

Desenvolvimento de Força para Pessoas com Esclerose Múltipla . 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GEEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLBENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002;

GUYTON, Arthur C.; HALL John E. **Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças**. Tradução: Mira de Casrilevitz Engelhardt. 6ed. Rio de Janeiro: Guanabara,1998,6ed.

MARTÍN, Manuel Bueno. Visão Normal. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

MARTÍN, Manuel Bueno; RAMÍREZ, Francisco Ruiz Visão Subnormal. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.) **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

MENA, Nuria Rodríguez Funcionamento Visual In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

MORATO, Márcio Pereira. **A Rivalidade entre Pontepretanos e Bulgrinos**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ORTEGA, Maria Pilar Platero Linguagem e deficiência visual. In: MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. (Coord.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

SHILDER, Paul. **A Imagem do Corpo: As Energias Constrictivas da Psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SIQUEIRA, Ligia Antunes de. **O mercado do Corpo e da Educação Física: visões predominantes**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri: Manole, 2003.

TAVARES, Maria da Consolação G. C. F.; CATUSSO, Renata Lobo. E a afetividade? In: TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. **O Dinamismo da Imagem Corporal**. São Paulo: Phorte,2007.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de Pesquisa em Atividades Físicas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MICHAELIS. **Michaelis** **Moderno**. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=beleza>>. Acesso em: 20 de outubro de 2008, 12:10.

RABELO, Patrícia. **Bem** **Resolvida**. Disponível em:
<<http://www.bemresolvida.com.br/?p=689>>. Acesso em: 19 de outubro de 2008, 21:05.

Dicionário de Português. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em:
<<http://www.dicionariodeportugues.com/?busca-palavra=beleza>>. Acesso em: 19 de outubro de 2008, 20:48.

WIKIPÉDIA. **A** **Enciclopédia** **Livre**. Disponível em:
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_\(desenho_de_Leonardo_da_Vinci\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci))>. 19 de outubro de 2008: 22:01.

In the Eye of the Beholder. (No olho do Observador). Five Cut Production. Willian Brummer (Writer). USA: Gary Glassman editor, 1996. 46:35. Color. In. Discovery Magazine. David H. Mekllop (executiver producer).

Anexo A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: BELEZA E DEFICIÊNCIA VISUAL

Pesquisador responsável: Lilian Zarantonelli Simões

Orientador: Prof. Mestre Márcio Pereira Morato

Eu, _____
portador do RG: _____, concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa, sabendo que, para coleta dos dados, deverei responder as questões formuladas.

É de meu inteiro conhecimento que o projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de descrever e analisar o conceito de beleza dos cegos, mais especificamente em relação aos critérios utilizados.

Entendo que tenho como garantia, como participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo a minha pessoa.

É também de meu inteiro conhecimento que os dados por mim relatados terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão e serão mantidos em sigilo para assegurar minha privacidade em relação a esses dados confidenciais.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelo telefone (19) 3305-4913 / (11) 9673-7709 ou pelo e-mail lizaranto@hotmail.com.

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521-8936.

_____, _____ de _____ de 2008.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

Anexo B: ENTREVISTAS

Entrevistado 1

O que é beleza?

Pra mim, a beleza é tudo aquilo que a pessoa pode expressar. Por meio do ser corpo, das suas ações, da sua fala.

Tudo o que a pessoa pode expressar?

É

Tudo é beleza?

Tudo é beleza. Seu jeito de ser, suas características, a personalidade. Tudo faz parte da beleza da pessoa.

O que seria belo? o adjetivo belo?

Belo? Belo pra mim é... são pessoas que me cativam, então que de repente... têm empatia, são interessantes, têm uma boa conversa. Não necessariamente que têm o corpo bonito, definido, magro, gordo sei lá, esse tipo de beleza pra mim é o que menos importa. Então, belo pra mim, é o jeito real de ser de cada um.

Quais são os critérios que você utiliza para classificar se uma pessoa é bonita ou feia?

Dentro dos padrões que a sociedade impõe, em relação a beleza, é, muito o tato “né” Não num primeiro momento é claro, mais num segundo momento pra você analisar como a pessoa é, você trabalha com a questão tátil, e, é o principal. E também a opinião das pessoas, porque as pessoas te descrevem e você faz aquela imagem mental na sua cabeça de como ela é, mesmo não estando vendo “né” e nunca ter visto “né”.

Mas a gente constrói uma imagem, que eu não posso dizer pra você se a imagem que eu construo na minha cabeça é semelhante à imagem real “né” mais é a minha imagem.

E a audição e o olfato influenciam ou não?

Bastante viu. A voz assim, é uma das primeiras características que a gente observa na pessoa. O cheiro, “são” características muito importantes.

Quais são os tons de voz e os cheiros que vão para o bonito ou para o feio?

É então na verdade, falando por mim, um homem bonito por exemplo, é um homem que tem a voz forte, grave, um perfume marcante, bem amadeirado pó exemplo...é o meu gosto de beleza “né”.

E a percepção tátil...quando você está tocando a pessoa, o que você analisa? Quais são as características, as sensações que você tem?

Então na verdade, você analisa na forma tátil pra você apenas perceber como aquela pessoa é. Se ela é magra, se ela é gorda, se ela é alta, se ela é baixa, se ela tem cabelo liso ou enrolado. Mas isso não me trás nada de diferente a mais do que eu já percebi ouvindo ou falando com aquela pessoa. Não muda a minha visão sobre ela.

A gente se apaixona pelo ouvido, então antes de conhecer da forma tátil, como eu disse pra você que é num outro momento. A paixão acontece no nosso caso, pelo o que a gente ouve, pelo o que a gente sente, pelas palavras que saem da boca da pessoa, pelo tom de voz. São essas coisa que cativam.

Obrigada.

Entrevistado 2

O que é beleza?

Eu não sei.

Quando você conhece alguma pessoa, o que te agrada e o que não te agrada?

Ah! Quando eu conheço uma pessoa é assim, o que me leva a gostar da pessoa, é o jeito da pessoa assim. Eu enxergo mais a beleza interior e não a exterior.

O jeito que ela é , a pessoa, o carisma dela. É isso que eu consigo perceber na pessoa.

E sobre a forma física, como que você sente essa forma?

Antes de tocar é só na imaginação. Depois que a gente pode tocar na pessoa, a gente reconhece mais ou menos.

E o que as pessoas que convivem com você falam sobre a beleza? Sobre as pessoas bonitas?

Aqui o pessoal daqui é todo mundo enturmado, quando a pessoa é bonita, bastante bonita, eles "fala".

Só que eu tenho uma coisa comigo, que eu sei quando a pessoa é bonita mas eu não consigo definir como.

Pra falar pra você qual que é o jeito que eu descubro que aquela pessoa é bonita, tem gente que fala que é só pela voz, tem gente que fala só tocando. Eu não sei o jeito. Eu vou mais pelo jeito da pessoa.

Qual voz que te agrada?

Que voz que me agrada?

É.

Uma voz calma e fina, não muito fina.

O olfato influencia também?

Não nem tanto.

Nem tanto? E o tato é só num segundo momento?

Só no segundo momento.

E quando você toca em uma pessoa o que te agrada e o que não te agrada?

Numa pessoa?

É.

Ah! Eu também não sei.

O tipo de cabelo, a pele...

Isso. E aí vamos supor sabe... Por exemplo, eu imagino uma pessoa loira do cabelo liso, aí sem tocar nela. Aí eu vou lá e releo no cabelo dela...e aí vejo que é meio ondulado. E a pele dela ou às vezes não é branquinha, é bem lisinha ou é meia sabe...meia não é enrugada que fala...é um outro hum...meia áspera assim o corpo da pessoa, mais eu não sei.

E por exemplo quando você toca na boca...como que você imagina a boca dessa pessoa? Ou isso não faz diferença para você?

Não faz diferença não.

Então pra você uma pessoa bonita é mais o interior... Seria o que você sente quando fala com essa pessoa ou não?

É assim, é o jeito... Quando eu percebo que a pessoa é bonita, ela tem um jeito diferente, ela não se expõe tanto igual a uma pessoa, vamos supor, que não seja tão bonita. Aquela pessoa que não é bonita, sempre fala de mais: nossa sou "num sei o quê".. Sou bonita... Sabe?

Agora aquelas pessoas que "é" bonitas mesmo realmente, elas "fica" quietas, ficam calmas na dela. Você vai conversa com elas e elas conversam numa boa.

E quando você conhece uma pessoa, o que te faz ter atração por essa pessoa?

O que faz eu ter atração?

É.

Ah! Quem nem eu já falei, a atração é o jeito da pessoa mesmo, se a pessoa é... Calma ai deixa eu lembrar... Se a pessoa é educada, se a pessoa tem um bom caráter, o carisma da pessoa também conta bastante. Sabe?

Então pra você a forma física não interfere muito?

Não. Mas é assim que nem eu falei pra você no começo...eu consigo perceber se a pessoa tem a forma física bonita ou feia, só que eu ainda nem eu não consegui definir, esse motivo... Que nem eu falei pra você, tem gente que só tocando, pela voz, pelo jeito da pessoa.

Eu ainda não consegui ainda definir o jeito.

Mas você classifica uma pessoa como bonita ou feia?

Sim classifico.

E as outras pessoas influenciam nisso ou não?

Não.

O fato da pessoa ser gorda ou magra influencia em ela ser bonita ou feia?

Não porque assim, sabe, eu sei, que têm pessoas que “é magra e é feia” e pessoas “magra que é bonita“, têm pessoas gorda que “é bonita” e outras são magras também. Aquela moça por exemplo que entrou aqui e pediu licença, ela é bonita e ela é gordinha.

E as pessoas que convivem com você, que são videntes, elas tentam influenciar na sua classificação ou não?

Se elas falam pra mim como que é a pessoa?

É.

Tem, o pessoal sempre fala... olha a pessoa “fulano de tal” é bonita, “fulano de tal” não é muito bonita não. Eles sempre falam.

Você aceita a opinião deles ou tira a sua própria?

É assim, porque assim, vou citar o caso da minha namorada, quando eu comecei a conversar com ela, ficar junto com ela, ai o pessoal já vem: e ai ta namorando? E tal. Começou aquelas coisas de sempre. E ai, depois que ela foi embora, me falo: ela é muito bonita pra você, ela é muito bonita.

E eu falei: não tudo bem, eu sei, á percebi já.

Mas como você percebeu? Não sei explicar, esse é o motivo.

Obrigada.